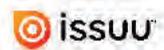




Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Biblioteca Praça de Pirenópolis



issuu.com/cadernostc

Cadernos de TC 2017-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e História

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Anderson Ferreira da Silva Jorge, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, e. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quarta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

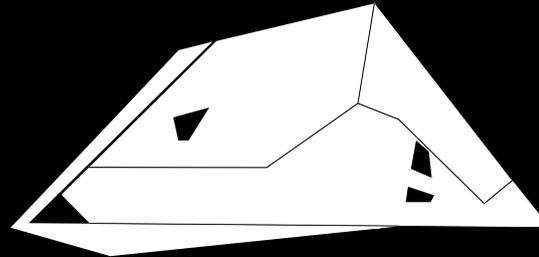
Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e a proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo



A cidade de Pirenópolis (GO) foi se transformando de predominantemente rural para urbana, sem evoluir na concepção de espaços e equipamentos públicos de qualidade, que contribuam para a formação intelectual de seus habitantes; carência, que entre outras, se estende às oportunidades de convívio e lazer na ambiência urbana.

O projeto da BIBLIOTECA PRAÇA propõe uma resposta à estas latentes necessidades locais nos âmbitos cultural, educacional, social, e no campo da arquitetura e urbanismo, que atualmente tem valor expressivo limitado ao Centro Histórico.

Objetiva transformar um sítio urbano estratégico em um marco referencial onde se possa desfrutar além do acesso democrático à informação em suas diversas fontes; de espaços internos e externos que estimulem a troca, disseminação e a criação do conhecimento, com intuítos acadêmicos ou simplesmente subjetivos e atrelados ao prazer.

Biblioteca Praça de Pirenópolis



**Raquel Rodrigues
Carvalho de Moraes**

Orientador:
Alexandre Ribeiro Gonçalves



O

O projeto constitui-se em um edifício cultural de uso misto, envolto por um parque urbano compacto - desenvolvido à nível de diretriz - .

Q

Uma biblioteca pública - com programa expandido em relação às bibliotecas tradicionais - tem suas coberturas otimizadas em Praça e Mirante, caracterizando o próprio edifício como um adicional do espaço público.

U

E

A concepção é pautada na busca de uma relação útil e respeitosa com o lugar, dialogando, entre outros aprendizados, com preceitos vernaculares, modernos e contemporâneos.

P

Em um mundo de direitos e obrigações, o que seria o cumprimento da função social da Arquitetura e do Urbanismo?

O

Contribuir para a produção de cidades mais justas, equipadas com espaços públicos propícios à capacitação de agentes transformadores, ao convívio e também ao desfrute da vida através do lazer.

R

Q

Buscar a minimização da exclusão socioespacial e do analfabetismo urbano, que perpetuam disfunções como a alienação, a incompetência e a degradação ambiental...

U

E

...ainda que
em um utópico
exercício projetual
para conclusão de curso.



Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!

Castro Alves

[f.1]

Saber é poder

Somos cercados por informações que geram conhecimento. No entanto, quantidade não significa qualidade.

Historicamente, democratizar o acesso à informação qualitativa não é interesse dos que obtém o poder, mas sim dos que envolvidos em ideais culturais e sociais pretendem ampliar e diversificar o papel dos protagonistas na transformação do mundo.

A Biblioteca da Alexandria, instituída no século III a.C, já almejava criar um acervo de todo conhecimento produzido pela humanidade, porém, acessível à elite.

Séculos depois (2004), o grande ideal é revisitado pelo Google com seu projeto de digitalizar e tornar universalmente acessível os acervos das bibliotecas de pesquisa do mundo, porém, de modo on-line.

Há um avanço significativo que decorre do desenvolvimento das tecnologias emergentes da microeletrônica e da telecomunicação para processar e reunir estoques de dados transferíveis global e ininterruptamente.

Este avanço tem definido as relações na sociedade pós-industrial e introduzido mudanças como a transformação dos sujeitos de meros consumidores em criadores. De meros telespectadores em atores.

É no ambiente em rede que também ocorre, segundo Yochai Benkler (2007), uma nova modalidade de organização da produção: descentralizada, colaborativa e não proprietária. Indivíduos isolados e conectados interagem sem interesses financeiros ou relações hierárquicas.

O passaporte é a inclusão digital sem a qual indivíduos, grupos e nações desconectados, continuam a margem do desenvolvimento, alimentando as disparidades sociais.

Mas como distingui Aldo Barreto (1994), o ideal não seria a construção de uma sociedade da informação, mas sim do conhecimento. A primeira liga-se a uma utopia de realização tecnológica, enquanto a segunda almeja a realização do indivíduo na construção do saber.

Dentro do amplo panorama sobre o acesso ao conhecimento, constata-se que as bibliotecas contemporâneas tem se firmado como hábeis instrumentos.

[f.1] Recorte fotográfico de uma parede interna da Biblioteca da 'Cidade da música' projetada por Christian de Portzamparc. Rio de Janeiro/2017.

Imagem 2017:
Raquel Moraes

Bibliotecas na era digital como meio de acesso democrático à informação

“ Biblioteca pública - porta de acesso ao conhecimento-, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.” (Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as bibliotecas públicas, 1994)

A partir do final do século XX, bibliotecas públicas e acadêmicas tem apresentado ambientes mais aptos e atrativos à difusão e formulação do conhecimento, não só para o leitor individual, mas para a vida comunitária. Agregaram novas tecnologias, espaços e serviços.

Como observam Brian Edwards e Ayub Khan (2011), a arquitetura das bibliotecas foi fundamental na reavaliação da tipologia e do papel destas na era digital: edifícios atraentes, espaços internos remodelados, a inclusão do projeto urbano na implantação, a desistência do silêncio absoluto em todos os ambientes, são alguns dos elementos fundamentais na libertação dos estereótipos impopulares das obsoletas bibliotecas.

Sem padrão universal, a velocidade das transformações sociais, tecnológicas e ambientais reafirmam a necessidade de bibliotecas flexíveis, acessíveis, convidativas, que considerem questões orçamentárias, de manutenção e dos recursos naturais e humanos disponíveis.

No século XXI, iniciativas isoladas apontam que o Brasil iniciou, a lentos passos e com um século de atraso, estas reflexões. Mas frutos como a Biblioteca São Paulo (Aflalo e Gasperini, 2010) e a Biblioteca Parque Estadual (RJ, Glauco Campello, reaberta em 2014), confirmam que a busca por formas, funções e tecnologias que atendam e surpreendam as comunidades podem contribuir positivamente para ativação cultural local.

As **decisões projetuais antagônicas** aplicáveis às bibliotecas tradicionais em relação às contemporâneas foram sumarizadas na publicação *Cabe and Resource*, 2003 (apud EDWARDS e KHAN, 2011, p.406) e serão aqui revisitadas e ilustradas.

ACESSO NO NÍVEL DA RUA COM
RAMPAS E ELEVADORES
X

ACESSO POR DEGRAUS E
ESCADAS IMPONENTES

PROJETO COM PLANTA LIVRE
E CIRCULAÇÃO FLEXÍVEL
X

PROJETO E CIRCULAÇÃO
HIERÁRQUICOS

ILUMINAÇÃO ZENITAL
X

SOBRIEDADE DE UM
TEMPLO DE CONHECIMENTO
COM CÚPULAS E ROTUNDAS

ACESSO FACILITADO
AOS ACERVOS
X

ACESSO RESTRITO COM
GALERIAS E MEZANINOS

RECEPTIVO À PNE'S
E CRIANÇAS
X

SOMENTE ADULTOS CULTOS

MOBILIÁRIOS DE RESIDÊNCIAS
OU CLUBES, COM
MÚLTIPLAS CORES
X

MOBILIÁRIO INSTITUCIONAL

ÁTRIOS, CAFÉS...ATIVIDADES
CULTURAIS E DE LAZER
X

SOMENTE LEITURA
E ESTUDO

NAVEGADORAS DO
CONHECIMENTO
X

DETENTORAS DO
CONHECIMENTO



[f.1]



[f.3]



[f.4]



[f.2]



[f.5]



[f.6]



[f.7]

“- Devia até ser proibido (...) a quem não possuísse um título acadêmico ter livros... Evitam-se assim essas desgraças.”

(da obra Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, no contexto da República Velha brasileira: denunciando a elitização da informação).

Bibliotecas tradicionais. [f.1]Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e [f.2] Trinity College, na Irlanda.

Bibliotecas Contemporâneas. [f.3/4]Biblioteca Parque Estadual (RJ); [f.5] Biblioteca Pública de Seattle(USA); [f.6] Biblioteca Villa Lobos (SP) e [f.7] Biblioteca São Paulo.

Autoria desconhecida

Amostra dos atrativos turísticos de Pirenópolis.

[f.1] Igreja Matriz, Nossa Senhora do Rosário, no Centro Histórico.

[f. 2] Cachoeira do Abade, no Parque Estadual da Serra dos Pirineus.

A contradição.

[f.3] Panorama de um lote público na Avenida Benjamin Constant, em área urbana privilegiada.

Imagens 2016:
Raquel Moraes

Pirenópolis é uma cidade goiana, fundada como arraial em 1727 e que possui uma população local estimada - para 2015 - de 25.000 habitantes (IBGE-2010).

Destaca-se no Centro-Oeste brasileiro pelas belezas naturais e seu conjunto arquitetônico, paisagístico e histórico, tombado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -, em 1990. E sendo um atrativo turístico, tem sua dinâmica urbana transformada todos os finais de semana, férias e feriados.

Mas apresenta dicotomia em relação a sua 'evolução' urbana, que não evoluiu, entre outras deficiências, em relação aos espaços e equipamentos públicos culturais e de lazer. Realidade que somada a escassez de investimento em tecnologias, submete grande parte da população desfavorecida ao limbo e à margem da sociedade da informação.

O
N
D
E



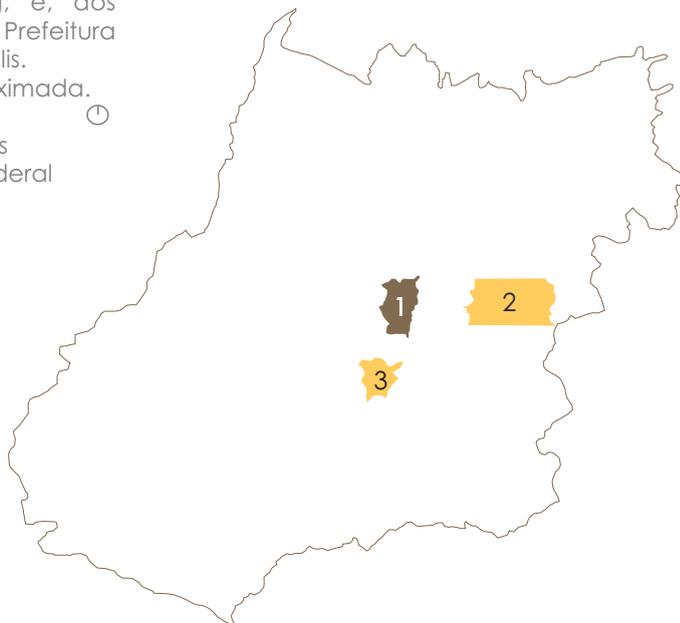


Pirenópolis

Evolução urbana

[f.1] Graficações livres feitas a partir dos mapas do IESA - Observatório geográfico de Goiás-; Goiás arquivoMesoMicro-Municip.svg; e, dos dados da Prefeitura de Pirenópolis. Escala aproximada.

- 1. Pirenópolis
- 2. Distrito Federal
- 3. Goiânia



Encravada entre serras e cachoeiras, Pirenópolis hoje se conecta com o Brasil e o mundo, principalmente por sua proximidade com o Distrito Federal (150 km) e a capital do estado de Goiás, Goiânia (120 km).

Já passou por diversos ciclos.

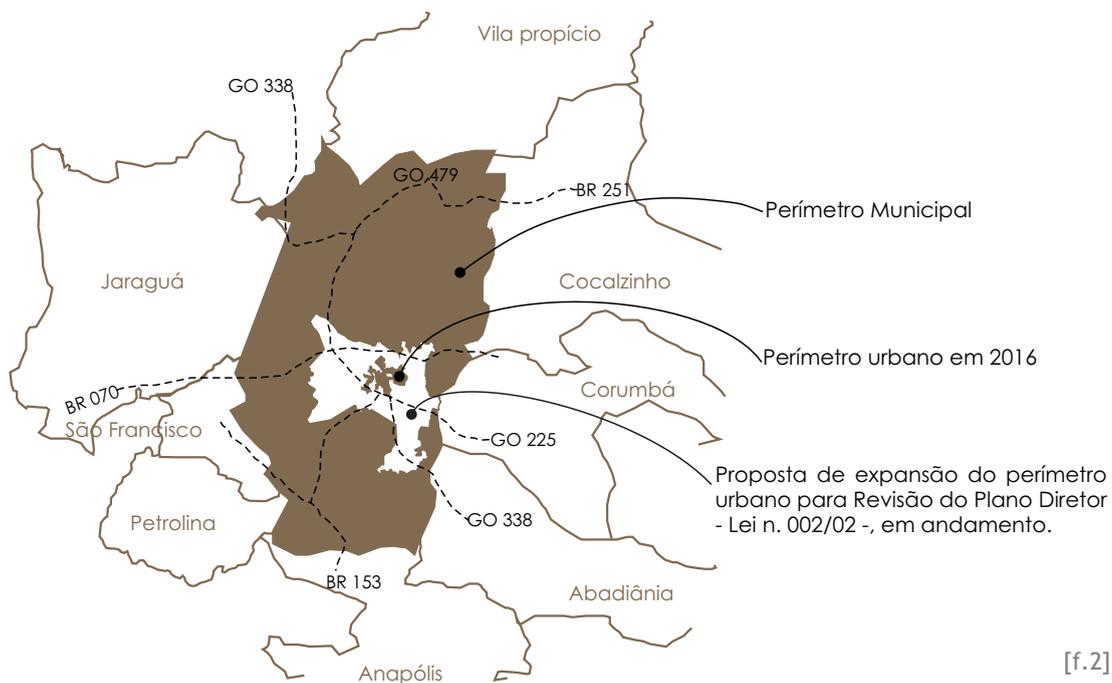
O arraial foi fundado em 1727, dentro da rota de busca pelo ouro, encontrado em abundância às margens do Rio das Almas, que norteou a ocupação local sob a confluência da arquitetura colonial portuguesa e os materiais locais abundantes: pedra, terra e madeira.

O núcleo inicial, hoje Centro Histórico, testemunhou o crescimento do arraial para Vila, denominada Meia Ponte em 1832. O local tinha condição de entreposto comercial e entroncamento viário por onde ia o ouro de Goiás e vinha o gado da Bahia.

Segundo Wolney Unes e Silvio Cavalcanti (2008), foi elevada à categoria de cidade em 1853, quando a economia se baseava nas atividades agrícolas e mercantis, e, em 1892, teve os 'prelúcios do desenvolvimento' quando

[f.1]

[f.2] Localização figurada do perímetro urbano até 2016 e a pretensa expansão que tem gerado divisão de opiniões uma vez que a infraestrutura urbana não atende com eficiência as necessidades do perímetro atual. Como é possível constatar (IBGE-2010), a cidade possui grande porcentagem de imóveis com esgoto via 'fossa' - por vezes,



[f.2]

os cientistas da Comissão Cruls, a visitaram durante os estudos para a transferência da capital do Brasil do Rio de Janeiro para a região Centro-Oeste.

Até 1950, a evolução urbana seguiu em direção ao norte. Porém, com a 'marcha para o Centro-Oeste', iniciada na década de 1930 no Governo Getúlio Vargas, um brusco crescimento da cidade culminou na formação de dois núcleos adjacentes ao sul e à leste, consolidados na década de 1960. Nesta fase intensificou-se a exploração e o comércio de quartizito: 'A pedra de Pirenópolis'.

Com a duplicação do perímetro urbano e a abertura de novas vias, o acesso à cidade foi ampliado.

A tradicional RUA DIREITA, situada no traçado irregular do núcleo primitivo, dividiu seu caráter de acesso principal com a Avenida BENJAMIM CONSTANT, situada em um traçado mais racional e linear. Esta avenida hoje é o principal eixo urbano e receberá o projeto.



[f.3]



[f.4]

[f.3 e 4] Imagens de Pirenópolis em 1922 e na década de 1990, retratando a expansão ao norte. Autoria desconhecida. Fonte: www.pirenopolis.tur

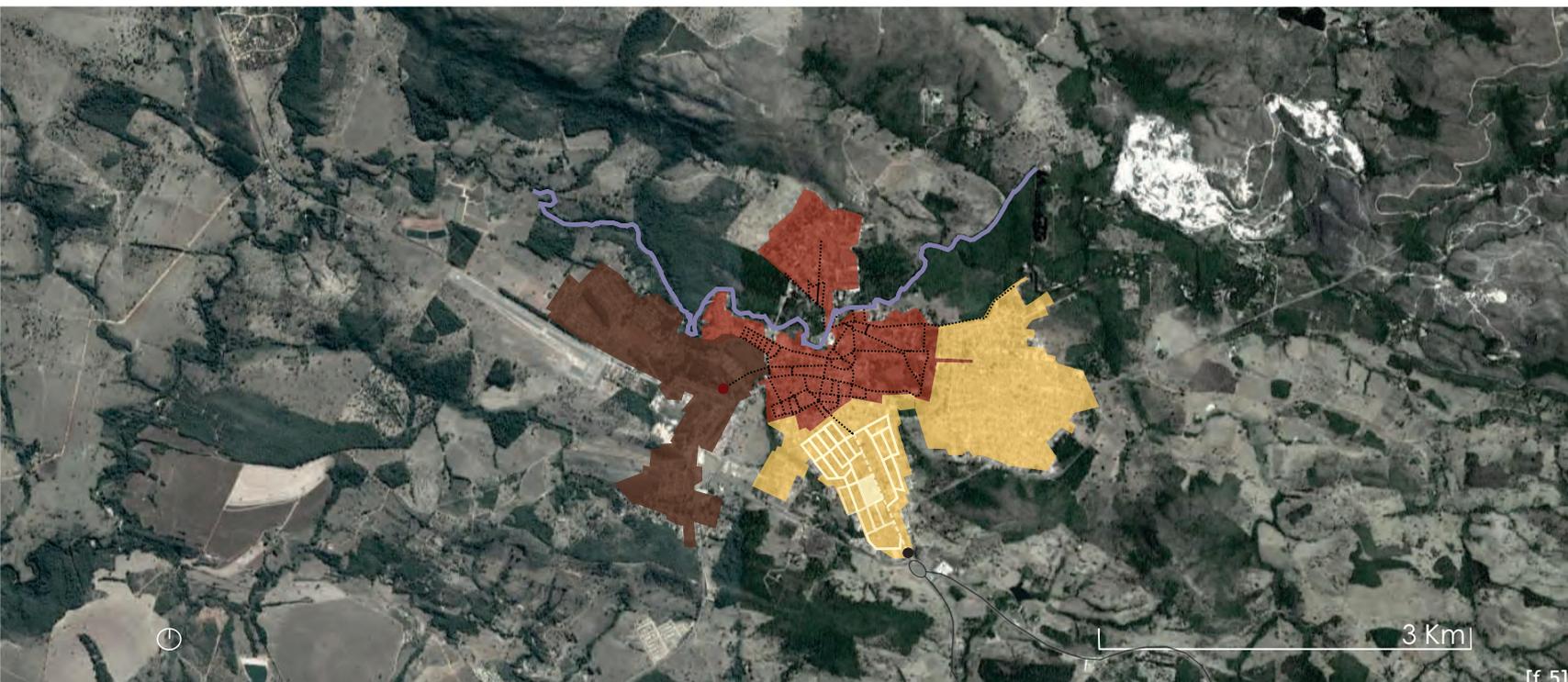
[f.5] Evolução do núcleo urbano de Pirenópolis. Imagem de satélite com intervenção:

a partir de 1727, às margens do Rio das Almas

décadas de 1930/1960

expansão recente

- Rua Direita
- Av. Benjamim Constant



[f.5]

Equipamentos públicos culturais, de lazer e esporte

No processo de evolução urbana constata-se que os equipamentos públicos não acompanharam a expansão da cidade, à exemplo dos equipamentos culturais localizados apenas no Centro Histórico e que acabam destinando-se ao uso predominante de turistas e da 'elite cultural' local.

Resumem-se ao (1) Teatro Municipal de Pirenópolis e o (2) Cinema cuja expressiva utilização ocorre durante os festivais.

A residência dos músicos Ita e Alaor (*in memoriam*) foi doada em 2014 para sediar o (3) Centro Municipal de Artes e Música, com programação escassa. A sala de entrada com 26 m² comporta o singelo acervo da Biblioteca Municipal.

Já a (4) Igreja de Nossa Senhora do Carmo abriga hoje um pequeno acervo de artes sacras. E a réplica da (5) Casa de Câmara e Cadeia (1916) também assumiu 'uso' cultural ao abrigar, junto à secretaria de cultura, um pequeno museu local.

Assim, ainda que com grande potenci-

os equipamentos culturais, representados apenas por edifícios históricos, não tem cumprido plenamente suas funções sociais, estando inseridos num processo de exclusão socioespacial.

Agravando a realidade urbana, os equipamentos públicos de lazer e esporte são escassos e precários. Há áreas públicas vazias e subutilizadas, e algumas praças que, à exemplo da Praça da Matriz, tem passado por longo período de abandono, o que causa impacto urbano negativo e torna pouco atrativa a permanência em locais gratuitos de convivência coletiva ou de permanência ao ar livre.

Os espaços esportivos, que na última década tem sido negligenciados, destinam-se apenas à prática do futebol, o que além de limitar as vastas possibilidades esportivas; culturalmente, acaba excluindo as pessoas do sexo feminino.

Este quadro reforça a necessidade de manutenção, revitalização e criação de novos espaços públicos democráticos.

[f. 1] Equipamentos públicos em 2016

— Espaços públicos vazios ou subutilizados

— Praças públicas

— Equipamentos destinados a prática de futebol

→ Estradas utilizadas para caminhada e corridas a pé.

📍 Equipamentos culturais localizados no Centro Histórico, numerados com associação a figura da página ao lado.

Fonte: base cartográfica da Prefeitura Municipal.



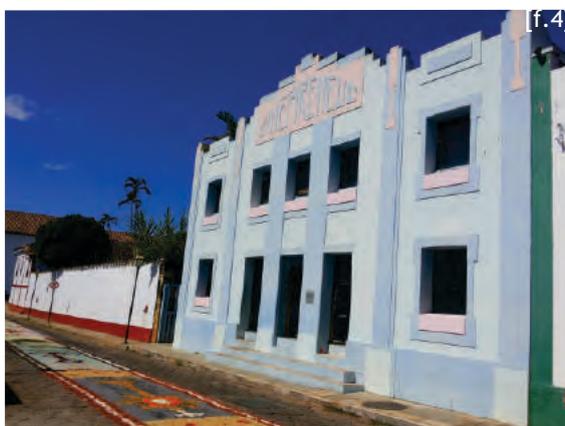
[f. 1]



[f.2] [f.3]



[f.4] [f.5]



[f.2] 1. Teatro Municipal de Pirenópolis, estilo colonial, de 1899.

[f.3] 2. Cinema, estilo Art decór de 1929.

[f.4] 3. Centro Municipal de Arte e Música.

[f.5] 4. Réplica (1916) da casa de Câmara e Cadeia (1977) que abriga um pequeno museu.

Imagens 2014:
Raquel Moraes

[f.6] Destaque dos equipamentos culturais no Centro Histórico. Fonte: Capa da Revisão do Plano Diretor, 2014, com intervenção gráfica.



[f.6]

A superfície festiva

Em Pirenópolis muito se faz para preservar as tradições e festividades religiosas ou profanas, mas quase nada para incluir as pessoas em uma prospecção que permita ir além da inquestionável fé e da superfície festiva. Um exemplo é a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, inscrita no Livro de Registro das Celebrações, em 2010, preparada por dez meses, celebrada por dois, e passada de geração em geração¹.

Dados do IBGE de 2010 apontam que 16.294 pessoas, dentre 23.006, são católicos, o que ajuda a explicar o calendário festivo da cidade, que também recebe anualmente alguns eventos culturais como a Festa Literária e o Canto da Primavera, porém, com maior público de turistas.

No geral, os estudantes de várias faixas etárias, a população em seus diversos níveis de renda, e os sucessivos governos Pirenopolinos (até 2016), não possuem compromisso social e político, com fatores ligados ao crescimento intelectual de cada um e da coletividade.

Também através dos dados do IBGE (2010) se abstrai que a quantidade de analfabetos (4.023) e o abandono da escola antes do ensino médio são elevados. E esta realidade contribui para o Brasil estar em 60º entre 76 países no ranking de educação para Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE-2015.

A escola não se faz interessante e há carência de equipamentos públicos que estimulem a continuidade da formação intelectual e física.

Por isso o projeto vem com o ideário subjetivo de criar demanda por informação e cultura (além da cultura de massa). Planejar um complexo múltiplo e magnético da maior gama possível de usuários - estudantes, que já estudaram, sem estudo, de crianças à idosos, com ou sem deficiências, residentes ou turistas - a fim de oferecer um ambiente apto a instigar o desejo por conhecimento e pela experimentação.

Como frisou o escritor Ariano Suassuna (2005): 'Meu amigo Capiba, (...) ficava indignado quando diziam que cachorro gosta de osso. Ele dizia, só dão osso ao cachorro, depois dizem que ele só gosta de osso. Ele adora comida como todo mundo. Ele dizia, bote um osso e bote um filé para ver qual é que ele escolhe. Agora não estão deixando a juventude brasileira entrar em contato com o filé. Só estão lhes dando osso.'



1. A força da Festa do Divino sintetizada pelo IPHAN: 'É uma das maiores manifestações de devoção ao Divino do Brasil, unindo o passado e o presente, envolve permanentemente toda a cidade, determinando os padrões de sociabilidade local. **A cidade faz a festa e a festa faz a cidade.** Por meio dela se marca o tempo, se reproduzem estruturas sociais e se conformam identidades coletivas e individuais.'

As imagens ilustram acontecimentos da Festa do Divino de 2015. Os eventos representados por adultos são repetidos na esfera infantil e assim a tradição se transfere de **pai para filho e de geração em geração.**

Imagens 2015:
Raquel Moraes

A escolha do lugar

[f.1] Imagem aérea perspectivada com destaque da malha viária principal, a quadra escolhida e sua relação com a cidade:

1. Vila Cintra
2. Estrela D'Alva
3. Vila Marília
4. Bonfim
5. Jardim Pireneus
6. Setor Meia Ponte
7. Centro Histórico
8. Vila Matutina
9. Bairro do Carmo
10. Alto da Lapa
11. Vila Péia
12. Vila Boa

Fonte: Google earth

[f.2] Pré-existências:

1. Departamento de Serviços Urbanos DSU, a ser relocado.
2. Futura Unidade de Saúde, em implantação.
3. Comércios consolidados
4. Vila de residências

A partir da percepção da cidade, algumas premissas induziram a escolha do lugar: utilização de espaços públicos vazios ou subutilizados, fora do Centro Histórico, com localização estratégica, fácil acesso e grande fluxo de pessoas.

Como já destacada, a Avenida Benjamim Constant é um importante eixo de uso misto e de acesso à cidade desde a década de 1960.

Ela conecta diretamente os bairros das Vilas Cintra, Marilda, Estrela D'Alva e o Jardim Santa Bárbara; e, através do anel viário liga-se ao Bairro do Bonfim, todos com a presença de muitos moradores desfavorecidos economicamente.

Nesta via há uma quadra municipal de topografia acidentada, pouco adensada e subutilizada, com potencial para abrigar um novo pólo cultural e de lazer e conferir

tanto aos bairros quanto à cidade um positivo marco para todos que ali vivem ou passam.

A quadra abriga o DSU (Departamento de Serviços Urbanos) entre diversos entulhos.

Frente às carências da cidade e observando: a localização estratégica; a área disponível e não construída; e a relativa insalubridade do DSU; fica visível que a propriedade pública não cumpre sua função social e tem potencial bem maior e melhor do que o uso e ocupação atuais. Assim, a primeira diretriz projetual é a relocação do DSU para outra área desprovida de centralidade. Ficam mantidos os demais edifícios residenciais, de serviço e o futuro Posto de Saúde, sob a premissa de trabalhar a quadra respeitando a positiva diversidade de usos.





[f.2]

Diretrizes pela leitura do lugar

As demais e principais diretrizes no processo de apropriação do lugar incluem:

1. Tirar partido da inclinação elevada da área, mais acentuada na direção sudeste/noroeste;

2. aproveitar a parte mais plana e elevada do sítio para implantação do edifício;

3. considerar o sol abundante na maior parte do ano, em busca de conforto térmico e eficiência energética;

4. manter o escalonamento na apropriação e implantação, aproveita-se o eixo visual que conecta a quadra ao pôr-do-sol e parte das montanhas que circundam a cidade;

5. priorizar a mobilidade do pedestre¹, adequando a largura dos passeios, o rebaixamento de guias e a construção de lombos faixas;

6. manter os veículos motorizados nas extremidades do sítio, deixando contudo acesso para eventuais emergências;

7. implantar uma pista compartilhada que circunde e permeie o parque, tornando-o amplamente acessível;

8. abrir percursos paralelos às curvas de nível a fim de evitar forte escoamento das águas pluviais, mantendo o solo não edificado, com cobertura vegetal ou piso permeável;

9. retirar as barreiras vegetais que circundam o lote e impedem o contato físico e visual das pessoas, mantendo ao máximo as espécies de grande e médio porte, para favorecimento do microclima e da flora e fauna locais; e,

10. compor mais massas vegetais e sombras naturais para os usuários durante o dia, cuidando para que não atrapalhem a visibilidade do conjunto e a segurança noturna dos usuários;

[f.1] Croqui com diretrizes para apropriação do espaço, colado sobre maquete de estudo do entorno, seus usos, ocupação e volumetria, predominantemente horizontal, limitada por lei a dois pavimentos (Art. 12 da Lei nº 143/82).

Usos do entorno

-  equipamentos públicos
-  residências, comércios e
-  serviços





[f.2]



[f.4]



[f.5]



[f.3]



[f.6]



[f.7]

Imagens das ruas que circundam o quarteirão.

[f.2] Avenida Benjamim Constant com área escolhida à esquerda.

[f.3] Passeio público na avenida rente ao sítio.

[f.4] Rua Teodora Cintra, com sítio à esquerda.

[f.5] Passeio público da rua Teodora Cintra, rente ao sítio.

[f.6] Rua Tiradentes, com sítio à direita. Ausência de passeio público transitável.

[f.7] Viela da Rua Jussara, também sem passeio público.

1. A cultura do descaso com o passeio público e o peão empurrado para a via de tráfego de veículos, assim como a falta de facilidades, como as faixas de pedestres e rampas de acesso, compõe um quadro descrito por Gordon Cullen (2010, p.123): 'Pés e Pneus

O movimento no interior de um edifício é sobretudo pedestre.(...) Mas à medida que o universo do peão vai se reduzindo à estreitas faixas de passeio (...) ele toma cuidado; a segurança e intimidade que encontra no interior transforma-se com demasiada rapidez no desespero dos acossados'.

E o excesso de cautela do peão impede a criação de vínculo 'saudável' entre o usuário e o espaço público.

Frente as necessidades locais e a partir de um sítio urbano privilegiado que não cumpre sua função social, a resposta proposta é um edifício cultural: uma biblioteca com um programa ampliado e contemporâneo, abraçada por um pequeno parque urbano.

Para facilitar o caráter atrativo e a consequente identificação e ocupação do espaço pela comunidade - sem os quais nada tem valor -, os projetos tanto de arquitetura quanto de urbanismo baseiam-se em premissas que são traduzidas em diversas atitudes projetuais.

Destacam-se a otimização dos espaços e a acessibilidade informacional e pedonal.

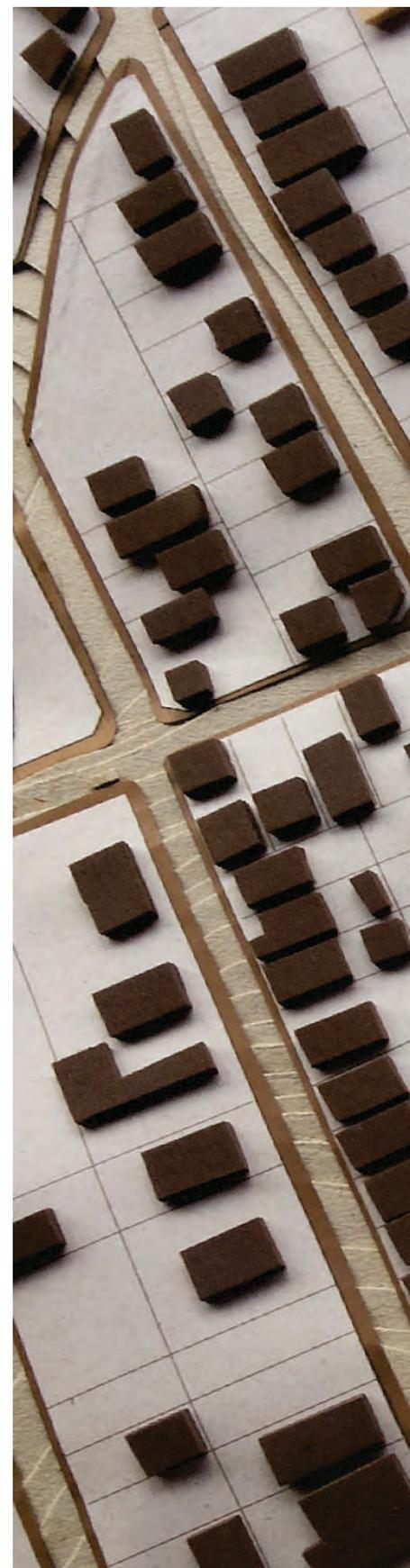
O caráter lúdico dos espaços públicos e a interação com as áreas verdes.

O caráter acolhedor do edifício cultural e a ampla integração visual entre os ambientes e usuários internos e externos.

O emprego de premissas sustentáveis visando conforto térmico, eficiência energética e baixa manutenção.

E a utilização de materiais locais que guardam relações estruturais e afetivas com a cidade, seus moradores e visitantes.

C O M O





O Parque Urbano

Este parque, projetado a nível de diretriz, tem o objetivo de criar uma ponte mediadora entre a cidade e o novo espaço cultural e para isso baseia-se numa estrutura com elementos lúdicos e espaços de uso múltiplo e caráter mutante, que se desenvolvem a partir do entorno da Biblioteca Praça.

Os planos mais próximos ao edifício são livres e aptos à promoção de eventos e feiras. Uma ampla escadaria de convivência converte-se facilmente em palcos e salas de estar abertas. O pequeno bosque entremeado por discos de concreto com variados tamanhos, o escorregador gigante, o jogo de mesas-bancos, o labirinto e seus brinquedos, os espaços livres que se formam entre massas vegetais retilíneas e o espaço para exercícios localizados, são democráticos e atendem a maior diversidade de usuários. Apenas o bowl para prática de skate e patins tem uso mais específico.

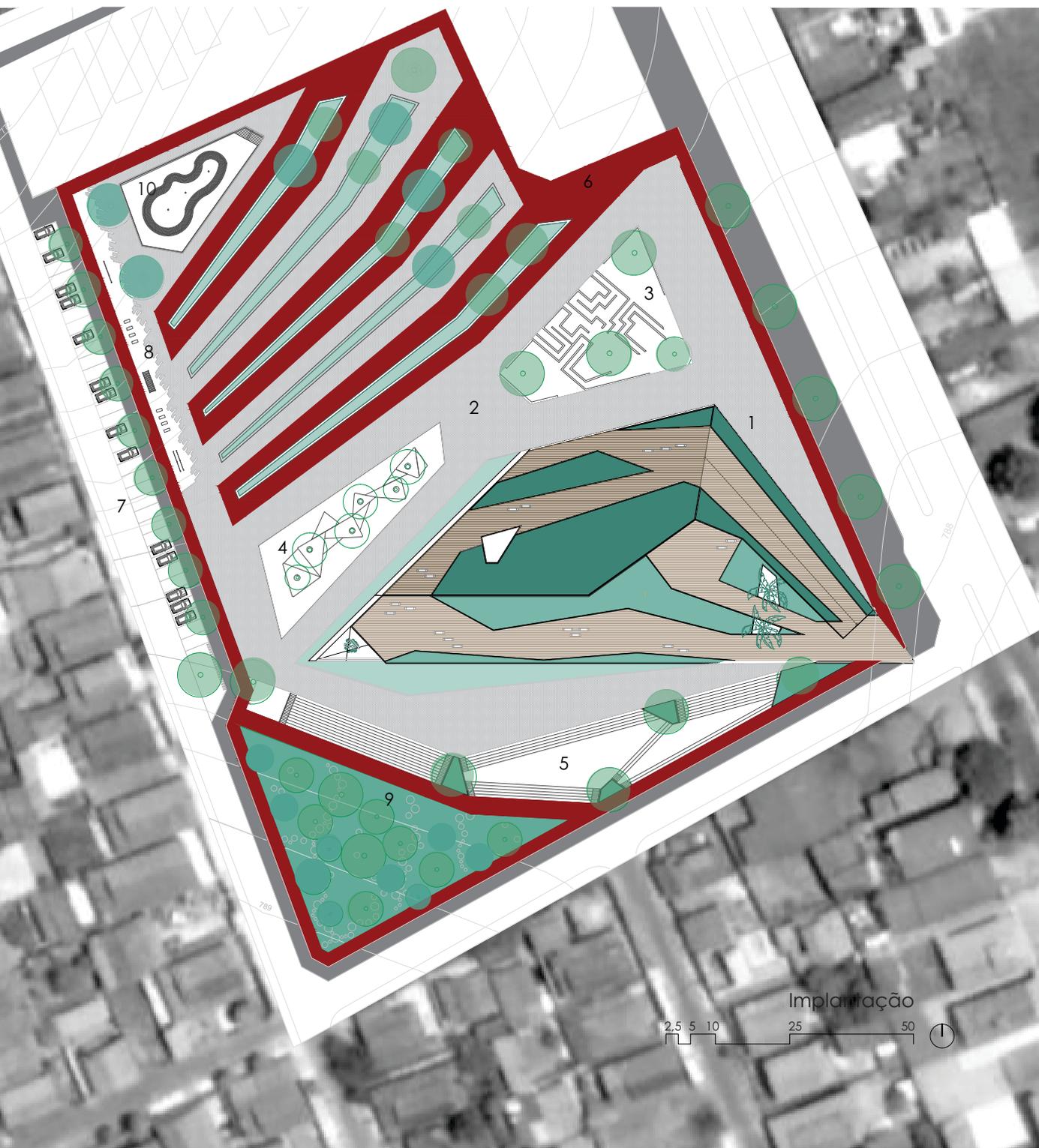
O Parque é abraçado por uma pista de caminhada e cooper. Seu percurso evidencia a permeabilidade pedonal e visual da área.

O paisagismo valoriza o bioma Cerrado, que muito além do valor estético, tem importância ambiental e educacional, além da baixa manutenção. Árvores próximas aos mobiliários e a formação de massas vegetais de porte misto garantem a sombra para a permanência durante o dia, sem comprometer as conexões visuais que facilitam a segurança também durante a noite.

A permeabilidade do solo, assim como a implantação com observância da topografia, visam evitar erosões e controlar o fluxo superficial de água na 'estação das chuvas'.

E assim o conjunto, ainda que em pequena escala, cumpre suas funções ecológica, paisagística e de lazer, estimulando a vida urbana, a melhoria da cidade, e da vida de seus cidadãos.





1. Área coberta de convivência e eventos

2. Espaço livre para atividades

3. Labirinto e brinquedos

4. Estar e Picnic

5. Escadaria de estar

6. Pista de cooper compartilhada

7. Estacionamento bikes e automóveis

8. Equipamentos para exercícios

9. Mata com mobiliários

10. Bowl para skate e patins

A Praça elevada e o Mirante

Outra ponte mediadora, agora entre o Parque e o Edifício, incluem a Praça elevada e o Mirante.

A praça está diretamente ligada ao processo inicial de apropriação do lugar e a geografia.

Partindo da cota mais elevada do sítio, conecta-se diretamente com o passeio público como um convite irrecusável, de fácil acesso e desfrute.

A partir deste nível pode-se prosseguir ao acesso à parte interna do edifício ou elevar-se ao mirante, para contemplação do parque, da paisagem circundante e do pôr do sol.

A praça elevada e o mirante derivam de pensar o próprio edifício cultural como um adicional do espaço público, o que se dá através da otimização das lajes.

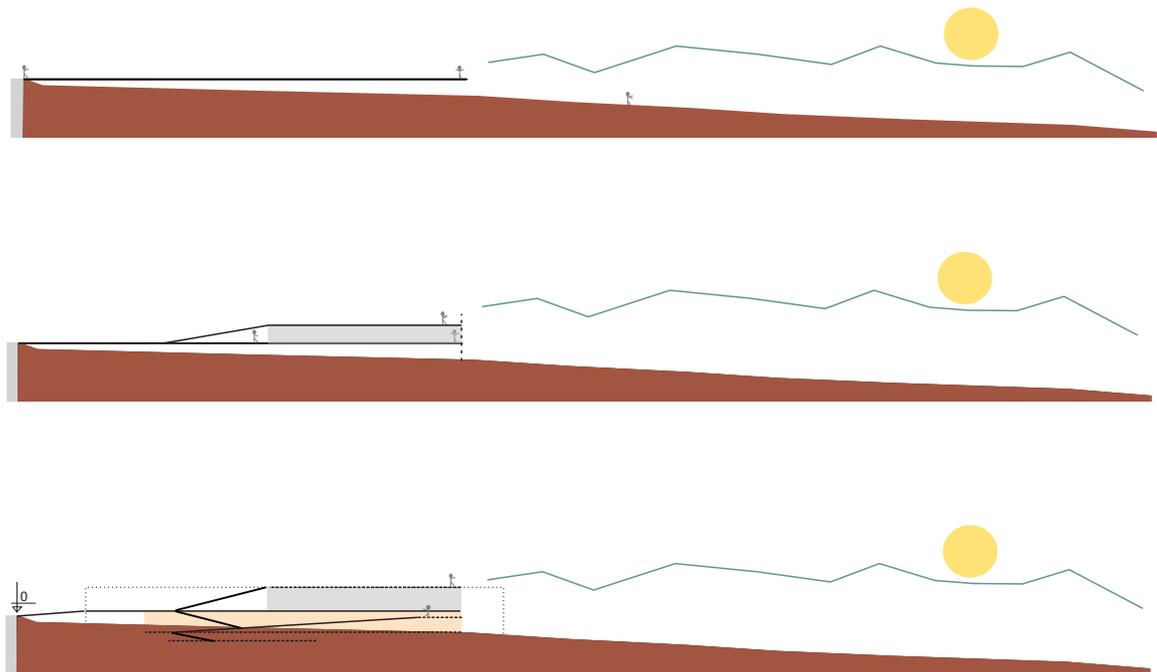
O que poderiam ser simples coberturas, tornam-se espaços aptos para uma pausa no cotidiano urbano excludente; espaços públicos definidos por MONTANER e MUXÍ

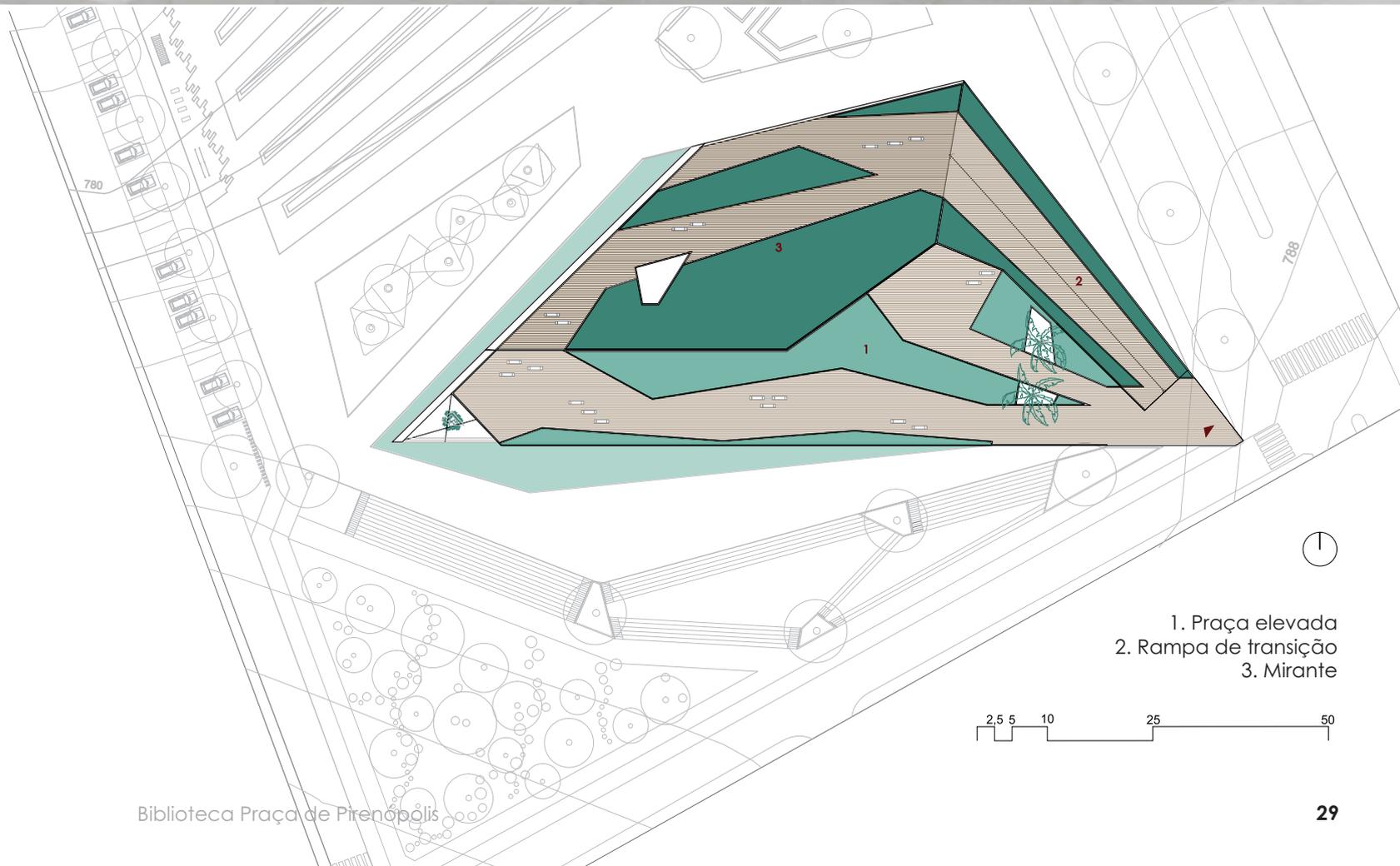
(2010, p.1) como “aquele em el que se puede estar sin más, sin actividad, sin obligación, en definitiva, un espacio para perder el tiempo en actividades no productivas sino relacionales o introspectivas; un espacio libre de las presiones del hacer que abocan, en el mundo contemporáneo, invariablemente al consumo.”

A parte úmida do conjunto compõe-se de coberturas vegetais do tipo extensivo e semi intensivo, que além da qualidade estética, funcionam como isolante térmico.

A porção seca é constituída por caminhos ripados com ritmo que remete ao taboado corrido e as feiras dos telhados coloniais. E das ripas do deck de plástico reciclado de coloração marrom emergem bancos retilíneos revestidos de madeira.

A superfície do Mirante tem potencial para receber a instalação de painéis fotovoltaicos, qualificando o edifício de acordo com a necessária revolução tecnológica e cultural.





O Edifício cultural e seu programa

Para dinamizar o papel comunitário e educacional da biblioteca, importante imprimir um programa arquitetônico em função dos serviços típicos, acrescido da necessidade contemporânea de expandir o alcance das edificações culturais através de programas ampliados que vem sendo experimentados com sucesso nas bibliotecas do século XXI.

Os serviços típicos prestados no ambiente interno de uma biblioteca pública abrangem:

.recepção e orientação às fontes de informação;

.acesso e empréstimo de livros, periódicos e jornais;

.acesso a materiais de interesse do município;

.acesso à sanitários e bebedouros;

.acesso à espaços para atividades ou estudo individuais e em grupo;

.áreas para a administração e funcionários.

Porém, a biblioteca como espaço público mais atraente e condizente com a era da informação pede outros serviços como:

.acesso a internet, computadores e mídias digitais;

.recepção de leitores diversos, incluindo crianças e deficientes;

.café ou lanchonete;

.espaços para reuniões, aulas e workshops;

.acesso a exposições permanentes e temporárias;

.espaços multi funcionais; e

.espaços informais.

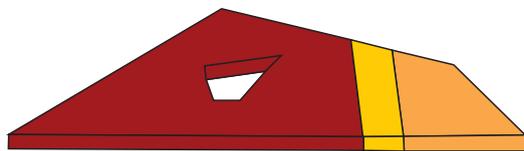
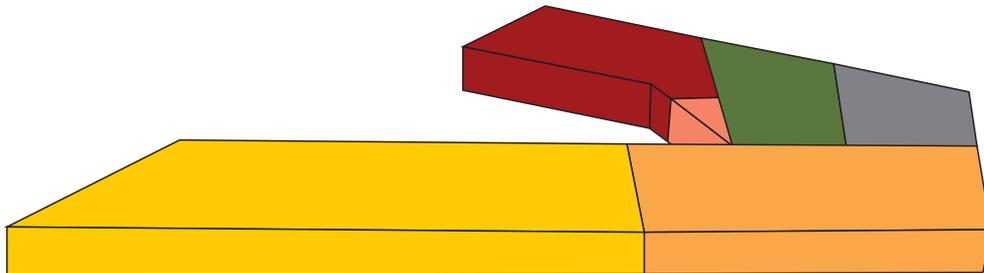
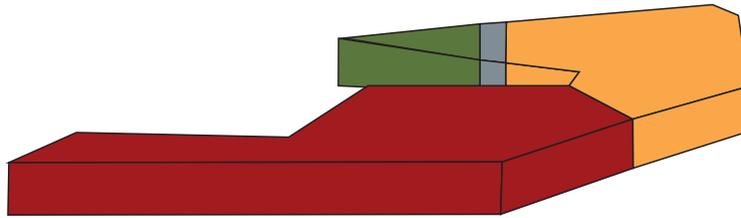
Ampliando o programa, o edifício pode alcançar o caráter de sala de estar democrática da cidade.

Neste processo, o programa de necessidades da Biblioteca considera a estimativa de 300 usuários dia, aproximadamente 1% da população atual (25.000 habitantes), acrescida de 20% em virtude da expansão próxima e do movimento proveniente do turismo.



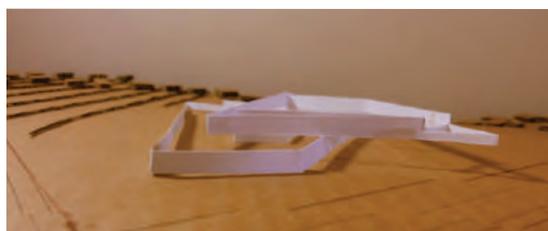
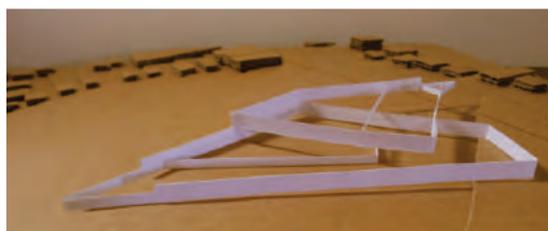
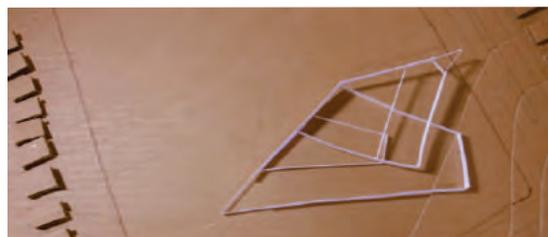
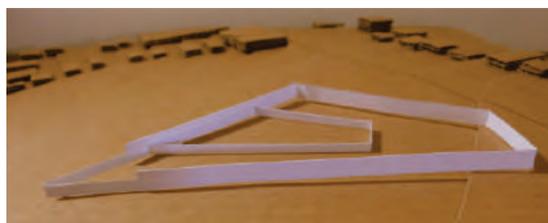
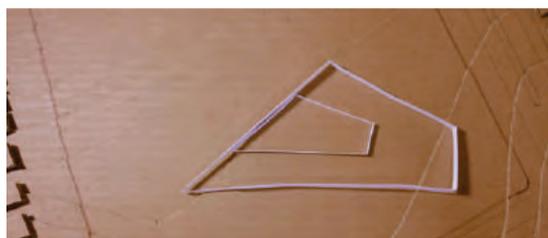
[f.1, 2 e 3] Alguns dos detalhes do programa de necessidades contemporâneo aplicados ao projeto.

[f.4] Diagramas do programa de necessidades do edifício cultural.



[f.4]

Processo formal e predominância horizontal



As imagens retratam parte dos exercícios feitos com tiras flexíveis de papel, em busca da forma.

A fim de dialogar com um programa atrativo, iniciou-se a busca pela proveitosa ocupação do espaço e por uma forma 'interessante'.

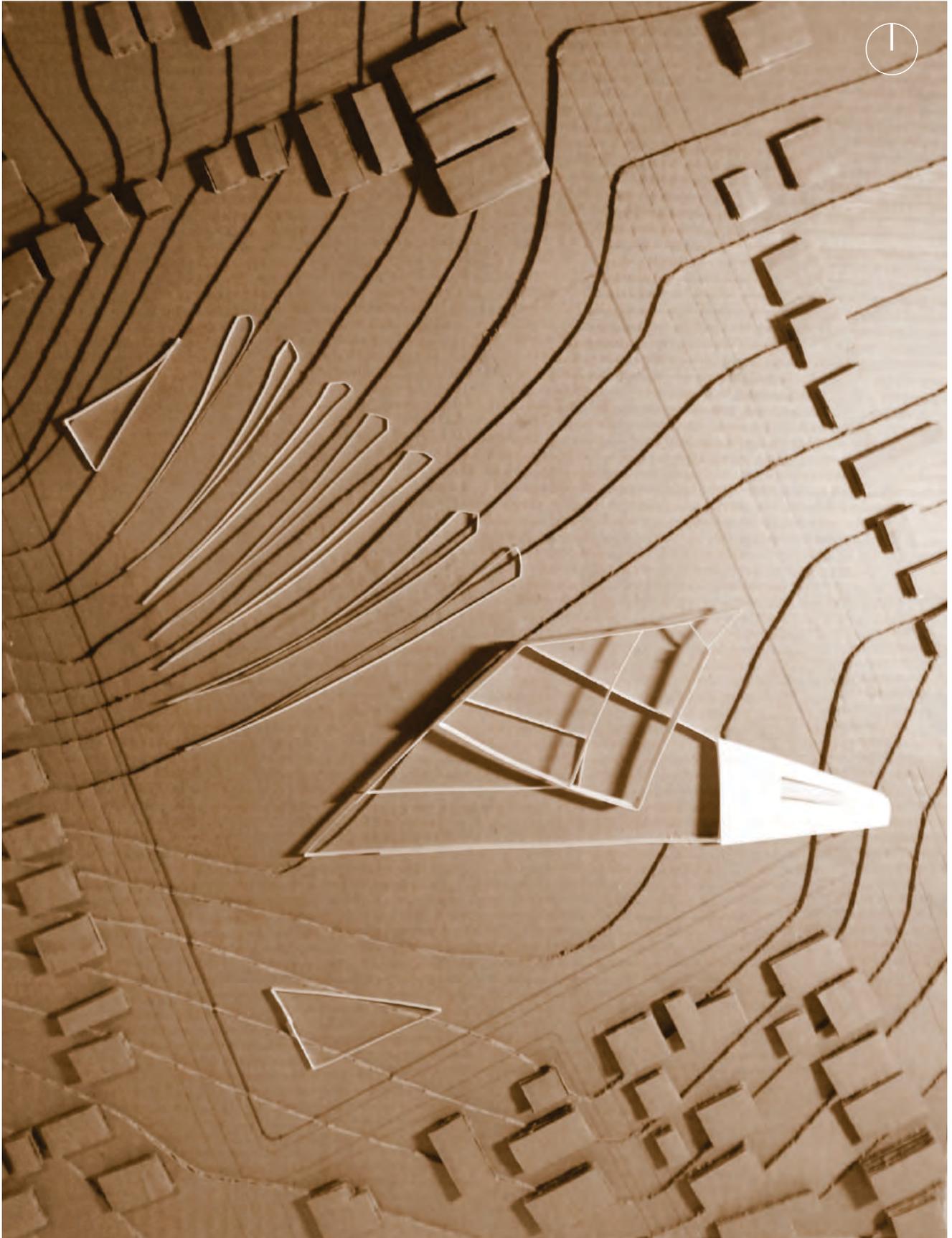
Todo o processo compositivo se desenvolveu sobre a topografia e encontrou limites no Código de Edificações de Pirenópolis, Lei nº 143/82, que dispõe em seu artigo 12 que: "O gabarito máximo das edificações não poderá ultrapassar a 1 (um) pavimento, sendo o térreo e mais um a este sobreposto, com exceção na Zona de Preservação Histórica e Zona de Preservação Paisagística que será apenas o térreo."

A interpretação foi no sentido de que para o edifício cultural alcançar pés direitos razoavelmente elevados, seria necessário fundir parte do volume na topografia.

O Edifício cultural teve os ambientes envolvidos por prismas irregulares cuja base parte de uma extensa aresta perpendicular ao sul, livre de insolação e muito útil às áreas de leitura e permanência prolongada.

Partindo desta aresta, dobraduras em tiras de papel facilitaram o processo em busca da forma através de contornos, que corresponderam a diversas intenções projetuais, como buscar os ângulos para melhores vistas e experiências aos usuários - internamente e externamente -; e também utilizar a potência natural das fachadas para favorecer o conforto térmico e eficiência energética.

Na apropriação do espaço, as *retas* foram os elementos primários que determinam a *direção* e *posição* do volume.



Os planos

No edifício, os *planos* formados pelas retas definem os *comprimentos*, *larguras*, *formatos* e *superfícies*, que foram diversificados, com a intenção de criar desníveis e reforçar as conexões visuais.

O plano intermediário e primitivo foi otimizado para funcionar como laje piso da praça elevada e da área de exposição; e, laje cobertura da Biblioteca. Sofreu **subtrações** para criação da circulação e do mezanino, favorecendo a conexão visual interna entre todos os pavimentos.

Parcialmente **replicado** do primitivo, o plano superior visou permitir a composição de áreas cobertas e descobertas no mesmo nível. Também otimizado, constitui-

-se na laje piso do mirante e na laje de cobertura do espaço de exposições e acesso.

Já o piso da Biblioteca foi **fragmentado** para criação de um subnível interno: A sala de estar.

Na sobreposição dos planos, os ângulos foram se afinando e se afirmando.

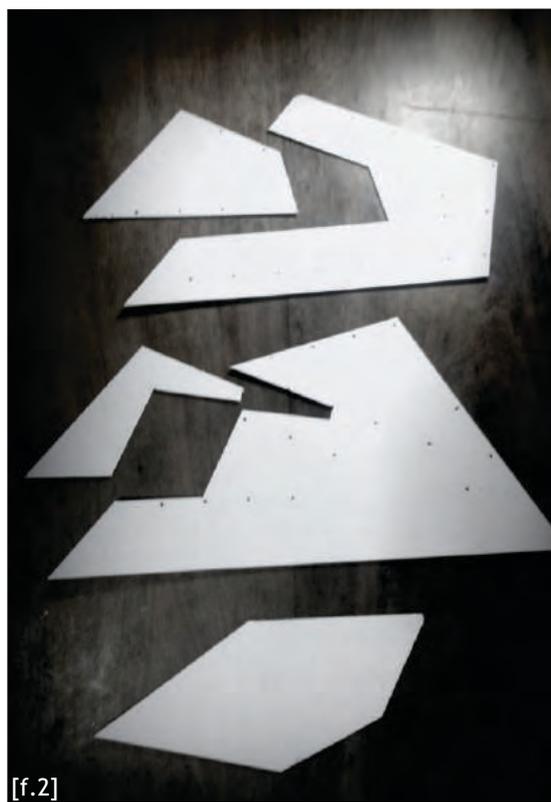
E assim, a Biblioteca Praça, absorveu a predominância horizontal que a cidade requer, no entanto, fugindo da monotonia. Dispõe de planos em níveis e subníveis que conferem um escalonamento ao conjunto, que pode ser percebido de diferentes maneiras, conforme a posição do observador ou usuário.

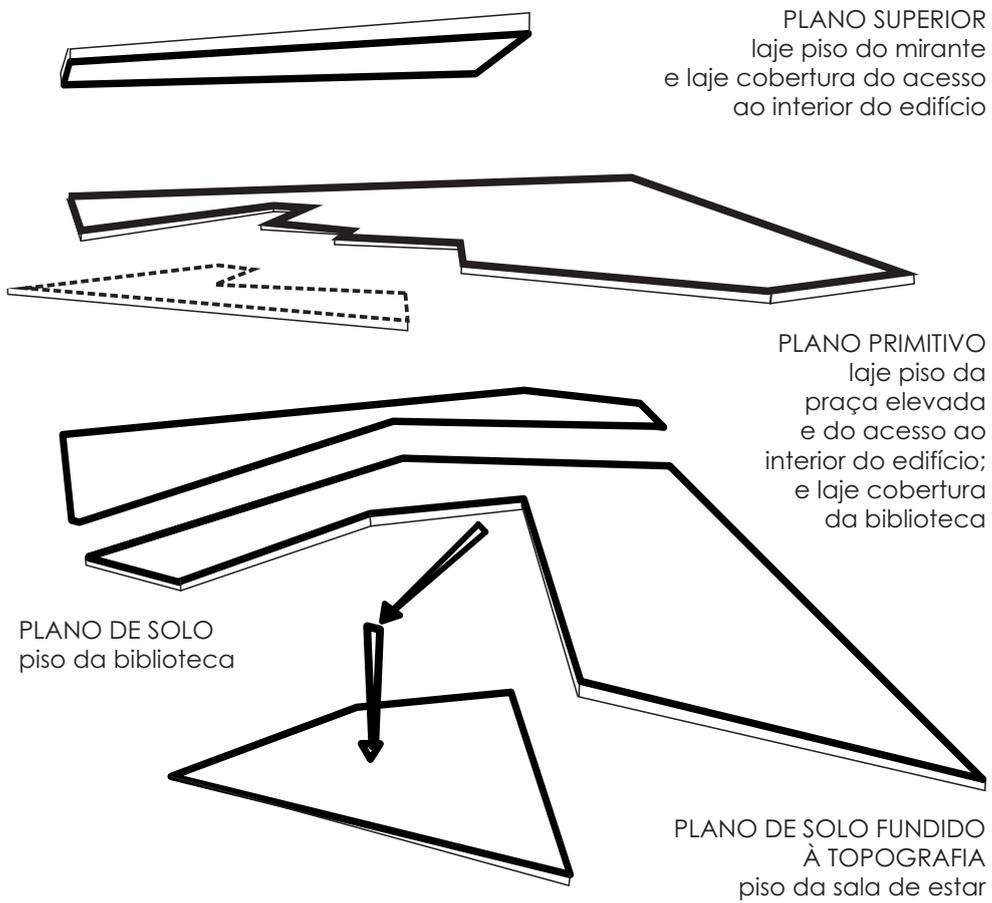


[f.1 e 2] Experimentações em busca da adequação dos ângulos dos vértices dos planos horizontais.

[f.3] Diagrama dos planos horizontais.

[f.4] Maquete de estudo das sobreposições dos planos horizontais.





[f.3]



[f.4]

O esqueleto

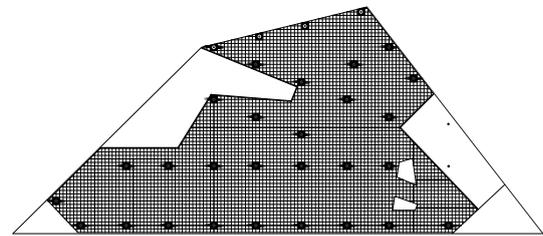
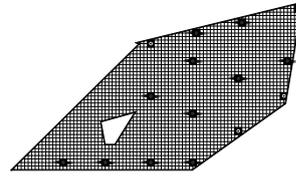
Definidos os planos, as lajes/pisos foram estruturadas com o sistema de laje de concreto nervurada, com módulos de 80X80 cm, 50 cm de altura, incluídos 12 cm de mesa.

Além de atender grandes vãos, estas lajes são mais leves e oferecem economia de aço e concreto em relação as lajes maciças ou convencionais. As formas plásticas utilizadas para determinar a altura da laje e a distância entre as nervuras são reutilizáveis e contribuem também para a sustentabilidade da obra.

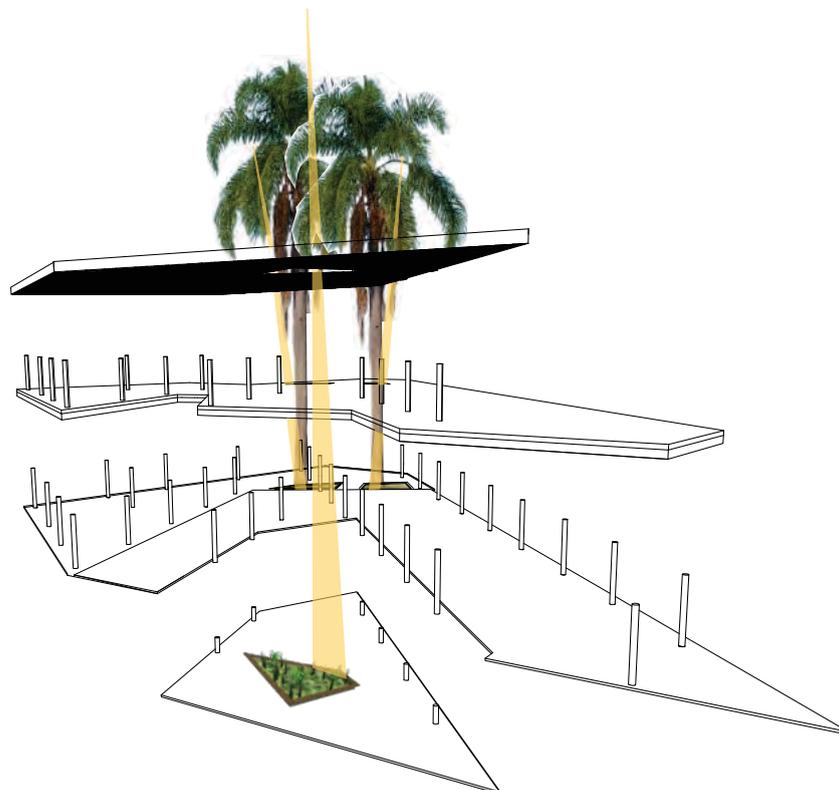
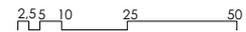
Foram apoiadas em uma malha reticulada irregular de pilares cilíndricos de concreto armado e de auto desempenho (CAD), pré-dimensionados com seção de 40 cm a fim de garantir vãos entre 10 e 17 metros. Seus interiores abrigam encanamento para captação de água pluvial com diâmetro de 15 cm.

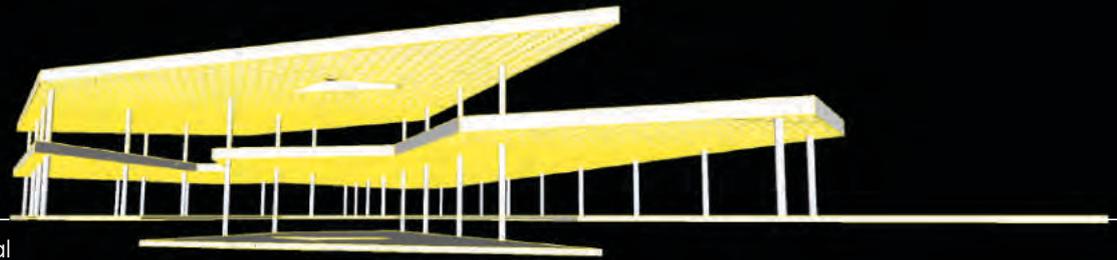
Para aumentar a resistência a momentos negativos, foram criados trechos maciços nas regiões próximas aos apoios.

As lajes também sofreram algumas incisões poéticas que convidam a luz e a vegetação a interagir e atravessar o espaço.

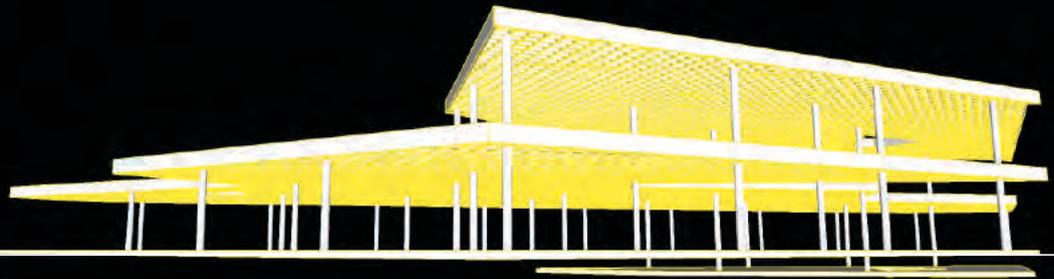


representação gráfica do sistema estrutural sugerido





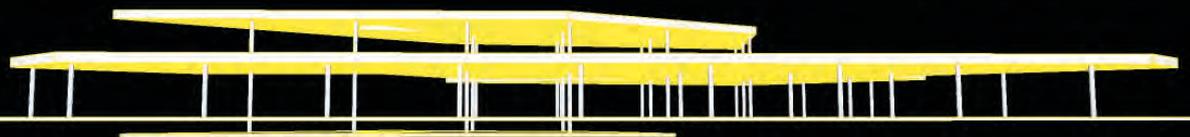
perspectiva estrutural
fachada oeste



perspectiva estrutural
fachada nordeste

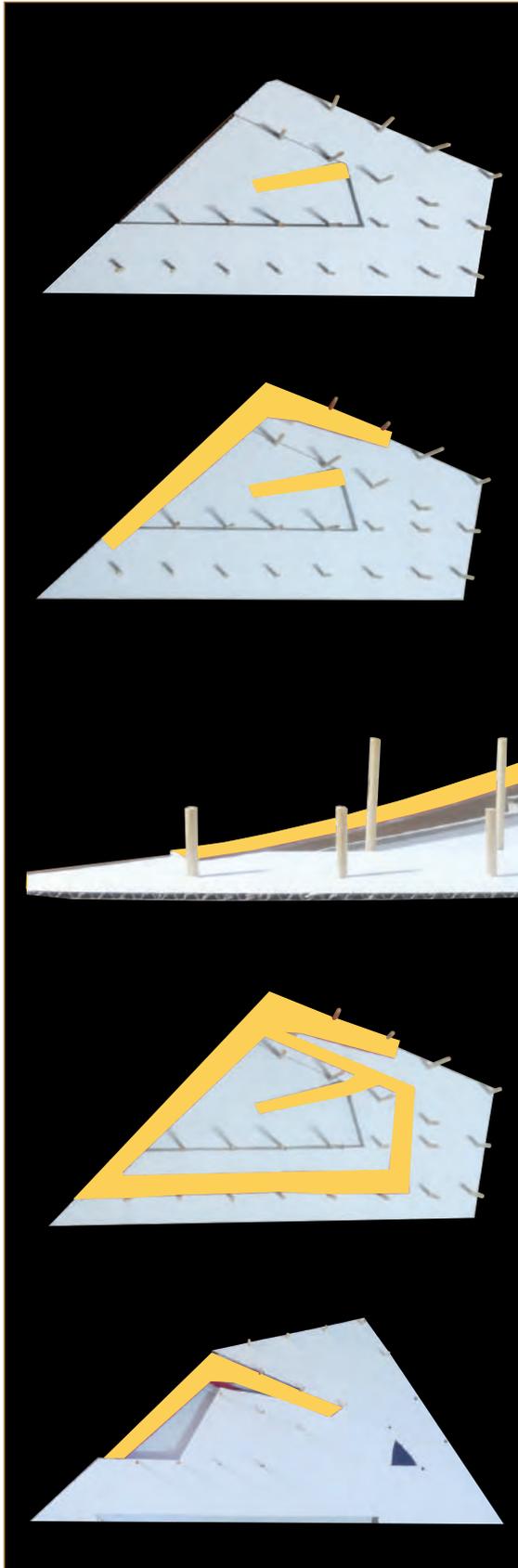


perspectiva estrutural
fachada leste



perspectiva estrutural
fachada sul

Circulação como passeio pela arquitetura e integração com o entorno

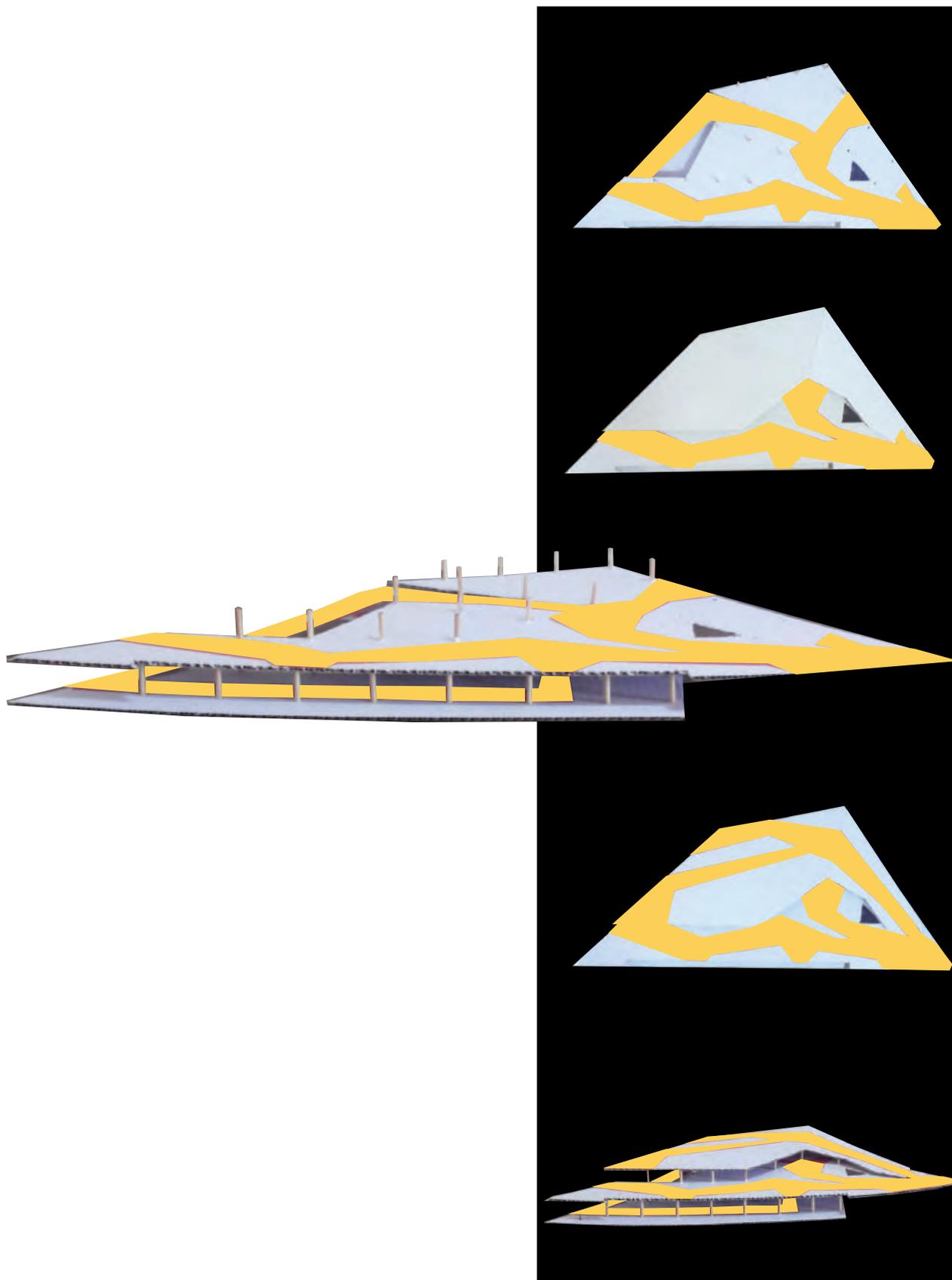


E por fim os planos assimétricos - e mais dinâmicos do que os planos regulares - são conectados por uma circulação em fitas - também irregulares - composta internamente por rampas, com função de promenade.

A ligação interna se dá em forma de espiral, permitindo um passeio pela arquitetura e integrando os subníveis num percurso contínuo.

Externamente, a circulação é ramificada, convidando a percursos distintos.

Nos níveis da praça elevada e do mirante, se estende até parte dos limites da edificação, facilitando a contemplação do entorno pelos usuários.



Imagens da maquete de estudo com exercício para definição da circulação, já na fase próxima à definitiva.

O Edifício Cultural

[f.1] Perspectiva do acesso ao edifício.

[f.2 e 3] Perspectivas internas que demonstram a busca pela integração visual dos usuários e os ambientes internos e externos.

Em busca da libertação do estigma ultrapassado de serem as bibliotecas um simples local de depósito de livros e destacando a nova estrutura programática, com foco além do leitor individual: o acesso principal à área interna do edifício ocorre pelo espaço de exposições (858 m²) no mesmo nível da praça elevada.

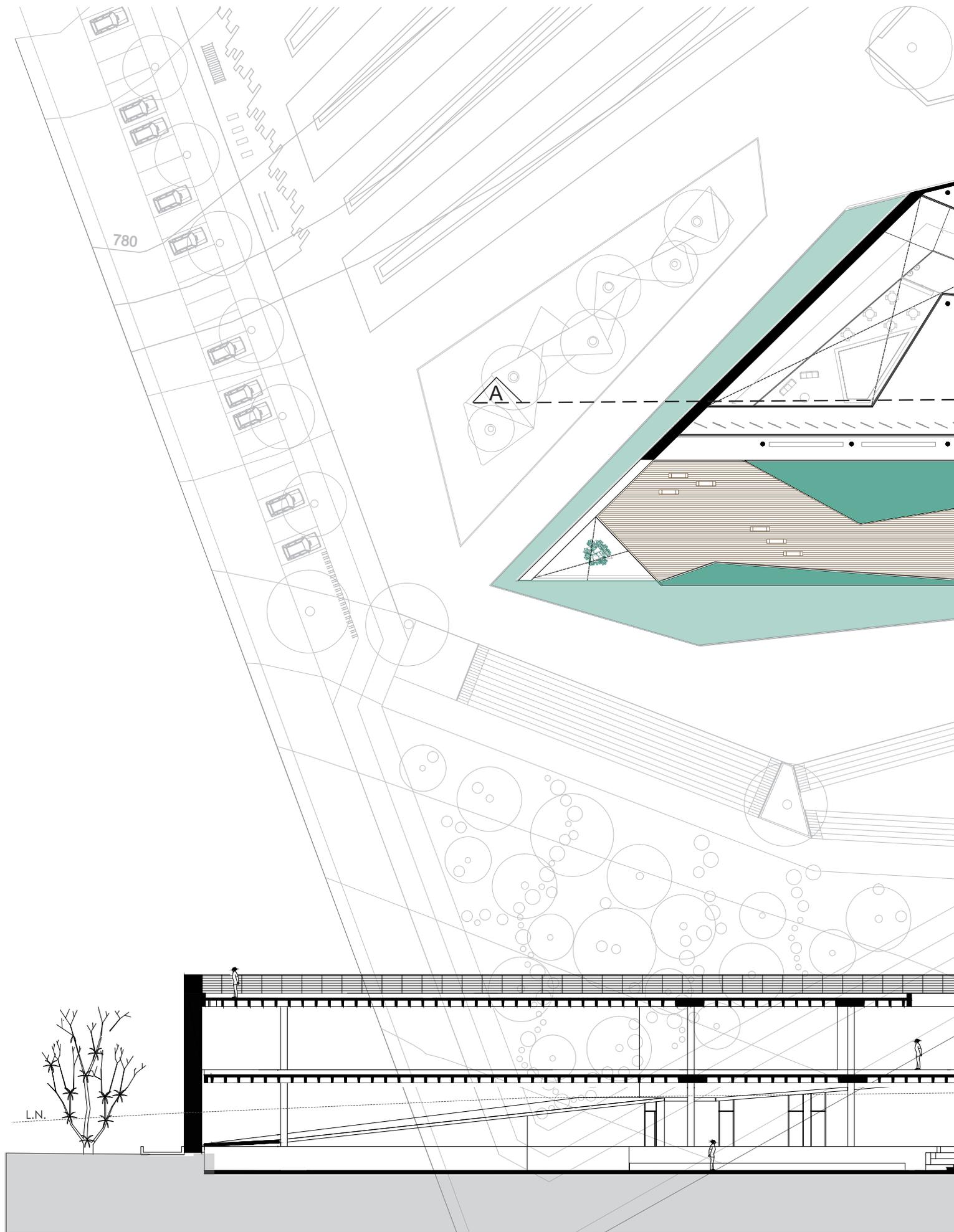
A fachada translúcida reforça a conexão visual e o convite para adentrar.

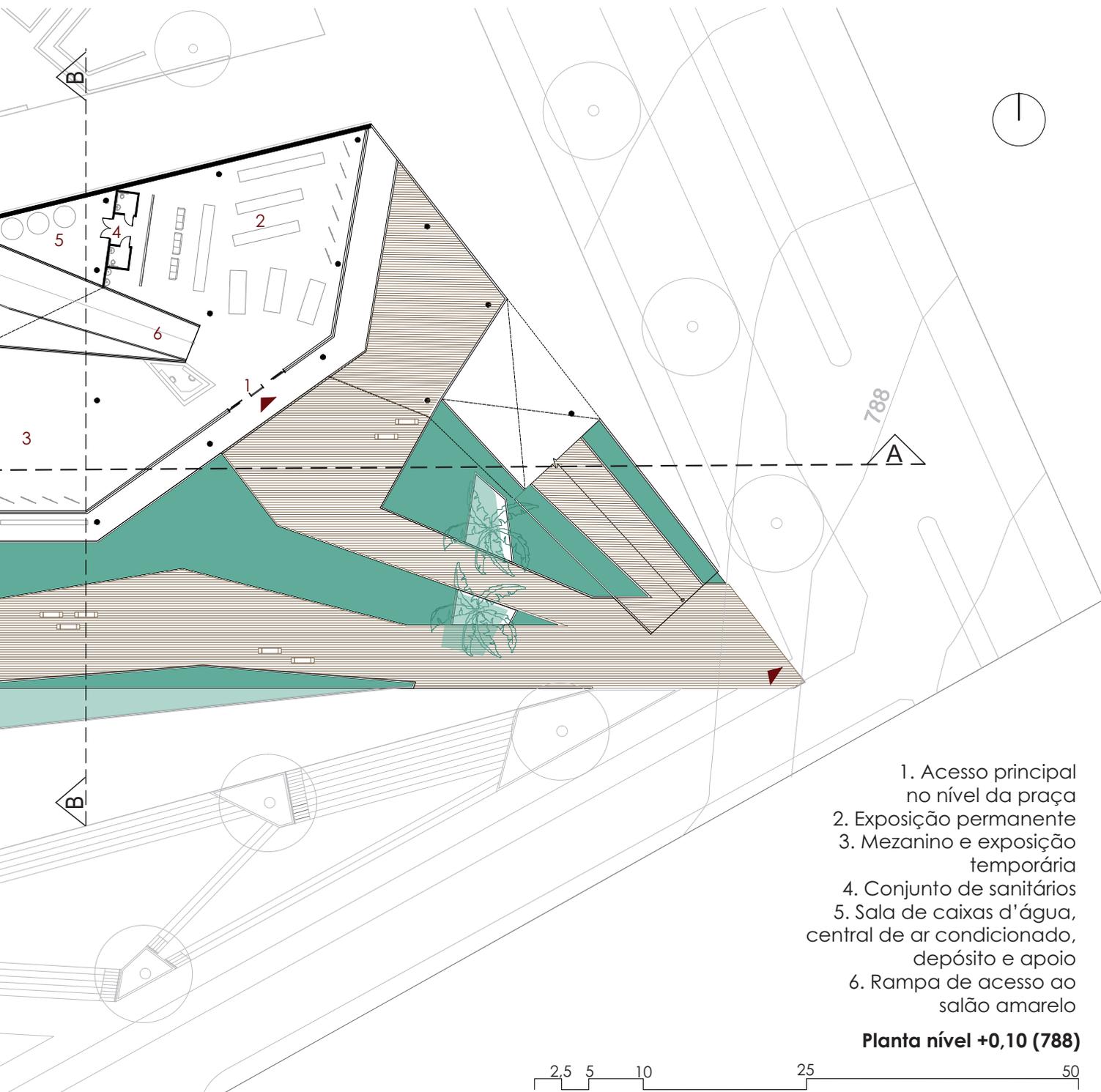




[f.2]
[f.3]

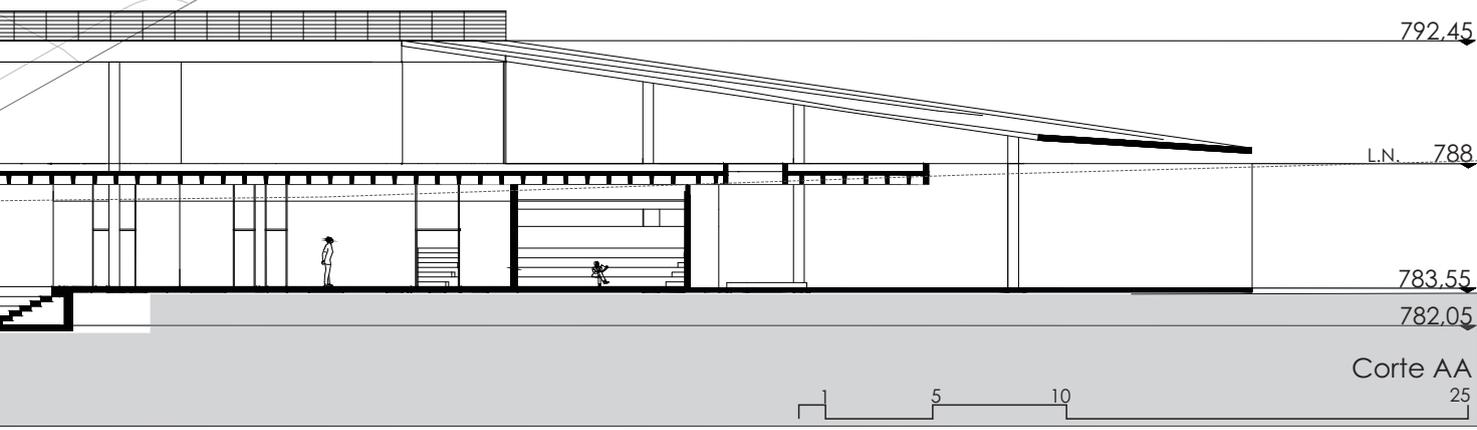






1. Acesso principal no nível da praça
2. Exposição permanente
3. Mezanino e exposição temporária
4. Conjunto de sanitários
5. Sala de caixas d'água, central de ar condicionado, depósito e apoio
6. Rampa de acesso ao salão amarelo

Planta nível +0,10 (788)



O Salão Amarelo

[f.1 e 2] Perspectivas do salão amarelo.

[f.3] Perspectiva da área externa do café.

Os usuários, no nível de acesso e exposições, através do mezanino, fazem conexão visual com os dois níveis inferiores onde se desenvolvem as atividades da biblioteca, que também pode ser acessada no nível do parque. E este salão amarelo possui 1.692 m².

O acervo físico é de 30.000 títulos (1 por habitante), com possibilidade de expansão e fica dividido entre os dois inferiores. O acervo digital é variável, porém indispensável, assim como o largo acesso a computadores e internet gratuita.

A organização do espaço privilegia a integração visual dos usuários e trabalhadores locais, nos ambientes interno, externo e entre pavimentos. Além dos arranjos formais, o emprego de vidros nas divisórias, facilita tal conexão.

A maior parte do layout pode ser facilmente modificada conforme necessi-

dades presentes ou futuras, com exceções das áreas molhadas.

Estas encontram-se convenientemente agrupadas e atendem a demanda interna e externa.

Um café/lanchonete, voltado para área externa, agrega mais conforto aos usuários de todo o complexo, e complementa o caráter atrativo e dinâmico do edifício junto a área de convivência externa.

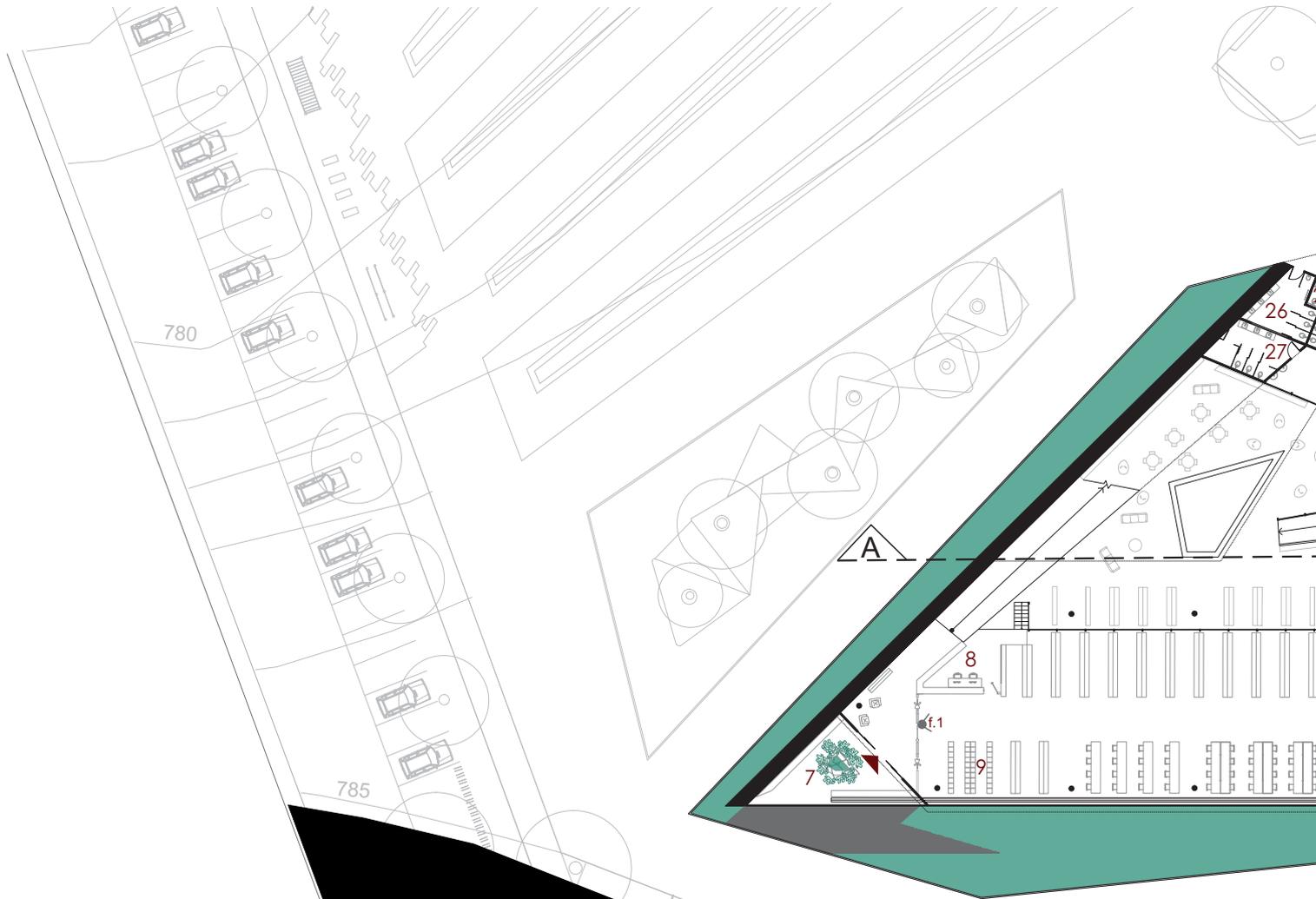
Esta área coberta e aberta tem caráter multifuncional e pode receber diversos tipos de atividades, tanto de encontros tradicionais locais, como feiras, festivais e eventos; assim como auxiliar no estímulo de novas manifestações aproveitando a vocação natural do edifício cultural.

Juntos, o café e a área do pilotis, estimulam também a economia institucional e local.



[f.1]

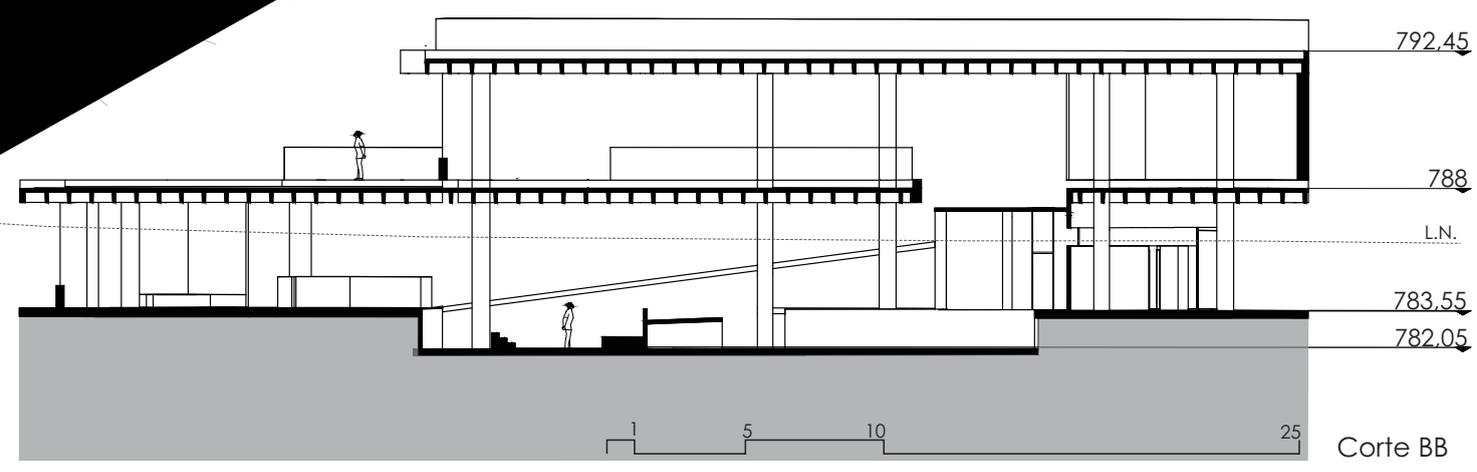
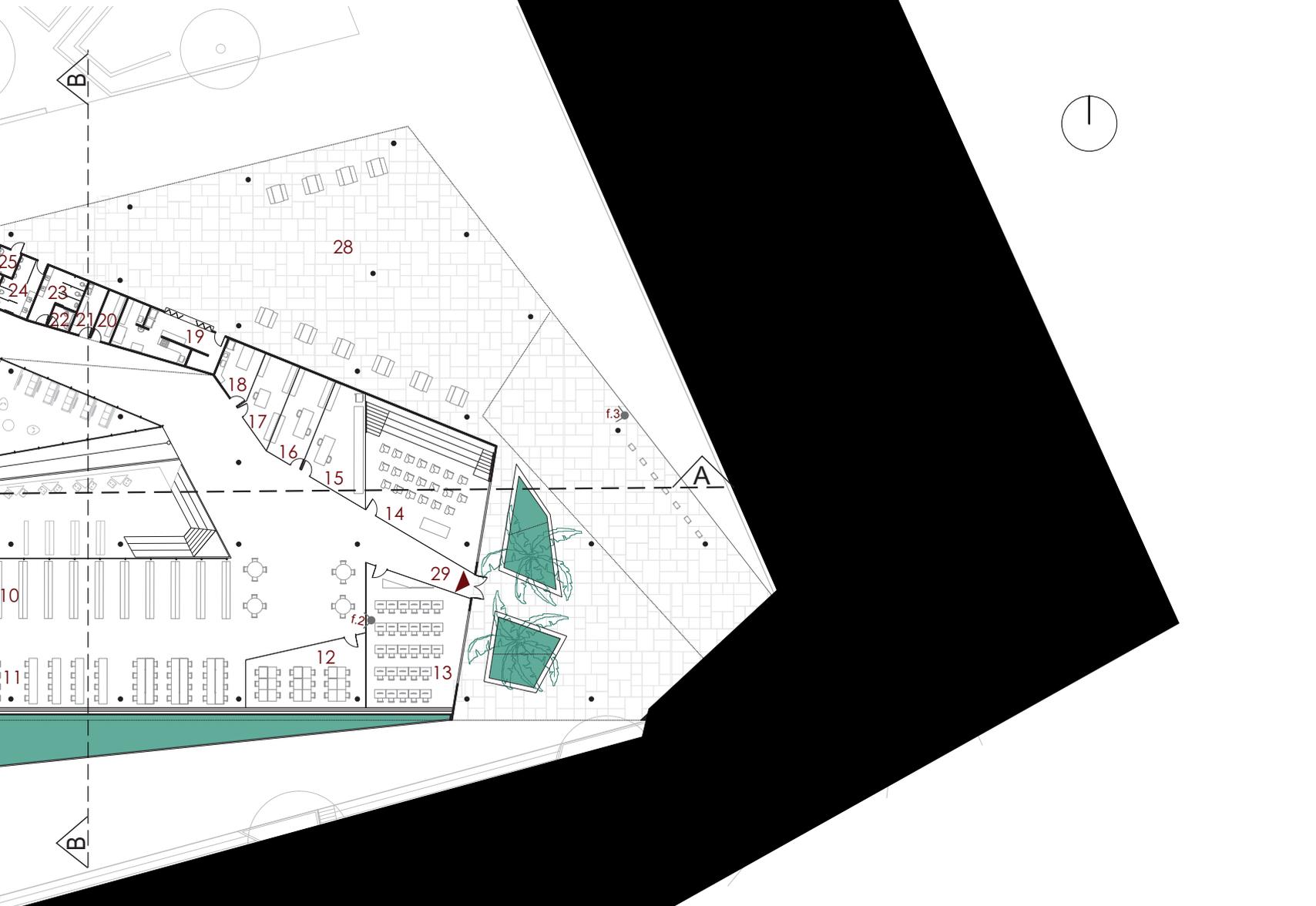




7. Acesso no nível do parque
8. Recepção
9. Guarda volumes
10. Acervo literário I
11. Células de estudo
12. Estudo individual
13. Informática
14. Múltiplo uso
15. Restauro e catalogação
16. Quarentena e triagem
17. Bibliotecário
18. Copa da equipe
19. Café voltado para área externa
20. Guarda volumes
21. DML
22. Sanitário PNE/ Alternativo interno
23. Sanitário Masculino interno
24. Sanitário Masculino externo
25. Sanitário PNE/Alternativo externo
26. Sanitário Feminino externo
27. Sanitário Feminino interno
28. Pilotis/Área de convivência
29. Saída de emergência

Planta Nível -4,65 (783,5)





A sala de estar

[f.1 e 2] O patrimônio e sua maquete, exposta na própria Igreja. Perspectivas das dimensões externas da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, edificada entre 1728-1732.

Imagens 2017:
Raquel Moraes

[f.3] Planta baixa da sala de estar da Biblioteca Praça.

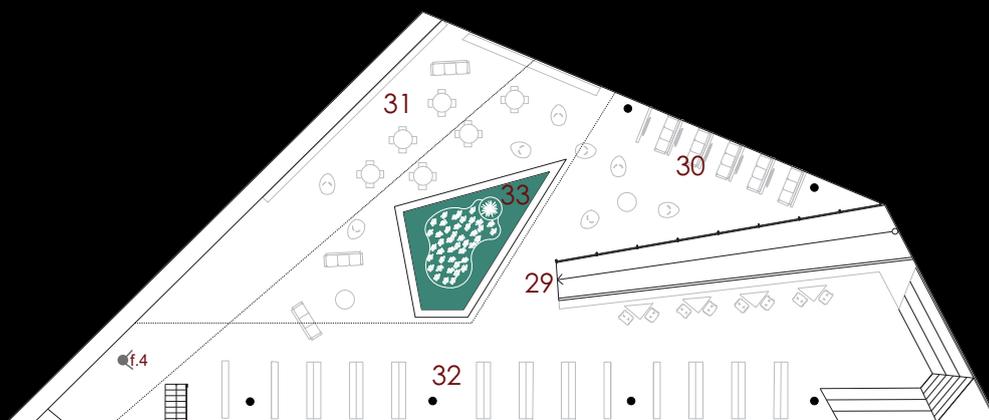
[f. 4 e 5] Perspectivas da sala de estar.

Retornando ao interior do edifício, o plano de solo mais baixo, fundido com a topografia e abaixo do nível do solo, recebe a parte mais lúdica do programa.

Com 628 m², sem divisórias, e com materiais que remetem ao aconchego; este nível abriga o espaço mirim para pais e filhos, a videoteca, parte do acervo literário e uma escadaria de uso múltiplo.

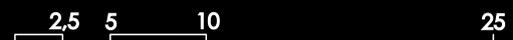
Os mobiliários e o jardim interno, complementam o caráter descontraído da sala de estar democrática do edifício...e da cidade (por que não?).

No total, o programa 'ampliado' fica distribuído entre 3.088 m², dimensão que inova ante a ausência de edifício cultural de tal porte, porém, que atem-se a respeitar as dimensões externas do principal marco da cidade: a Igreja Nossa Senhora do Rosário ou Igreja Matriz.



- 29. Sala de estar
- 30. Videoteca
- 31. Espaço Mirim
- 32. Acervo literário
- 33. Jardim interno

Planta nível -6,15





[f.4]



[f.5]

Interação com a vegetação

Ao programa arquitetônico, contido por uma forma que privilegia a dinâmica de ângulos a partir de traços retos, são somadas 'pausas verdes'. *Acupunturas* que o edifício recebe, com expressões distintas, mas finalidades conjuntas: contrapor-se a rigidez e sensibilizar os usuários.

As intervenções acontecem nos quatro planos, e também os atravessa, como ocorre com as duas palmeiras imperiais, que sinalizam importantes eixos visuais, como o acesso pela área de exposições. Trata-se de uma perpetuação do paisagismo colonial português, presente na história da cidade.

No pavimento térreo, a área do outro acesso - no nível do parque - é pontuada por um Ipê Amarelo, simbolizando a exuberância dos traços tortos e das cores vivas da flora do Cerrado.

E no mais, o edifício é projetado com espaços verdes que podem receber diversas propostas paisagísticas ao longo dos tempos.

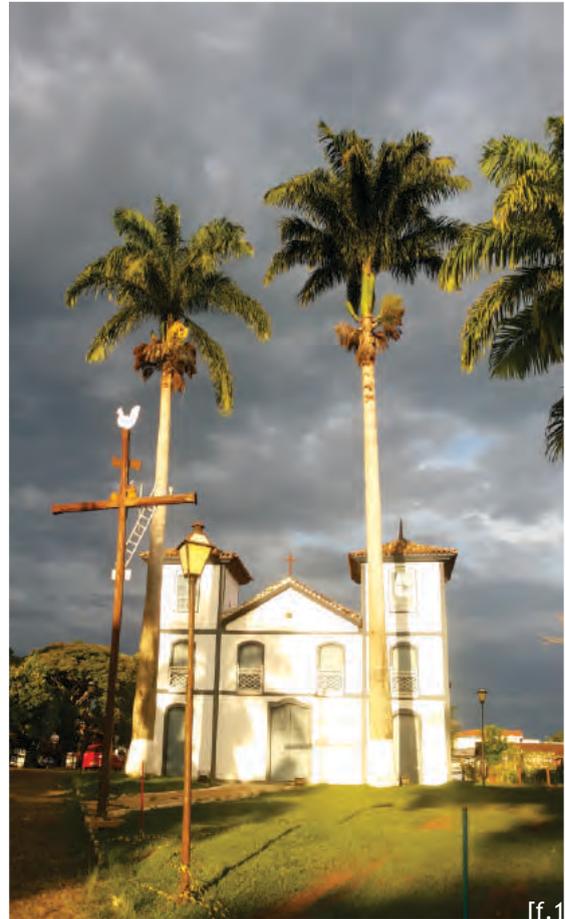
A rampa tem estrutura para receber um jardim extensivo, de plantas de rasteiras, como a 'grama amendoim', típica do cerrado e de baixa manutenção. Ela forma 'tapetes' espessos, pontilhados de florzinhas amarelas que atraem os insetos polinizadores do cerrado.

No patamar de acesso pela praça elevada, emoldurando os percursos, há áreas preparadas para receber um jardim semi-intensivo, que pode abrigar gramíneas, herbáceas e arbustos de pequeno a médio porte.

Agregaria valor ao conjunto um jardim naturalista contemporâneo, cuja premissa inclui o trabalho com a flora local, frequentemente ignorada, mas adaptada ao clima, com baixa manutenção e que naturalmente vai recebendo outras espécies locais através da polinização.

São jardins mais selvagens e espontâneos, que podem sugerir um caos diante de jardins tradicionais, mas que visto por outro ângulo, são expressões da nossa identidade autêntica e tropical.

Este tipo de paisagismo tem se difundido através de projetos como os do holan-



[f.1]



[f.2]



[f.3]

[f.1] As palmeiras imperiais sinalizando a entrada da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Pirenópolis. Imagem 2016: Raquel Moraes.

[f.2 e 3] Jardins naturalistas, respectivamente, de Piet Oudolf e Amália Robredo.

[f.4 e 5] Destaque das áreas verdes e sua ampla interação com o edifício.

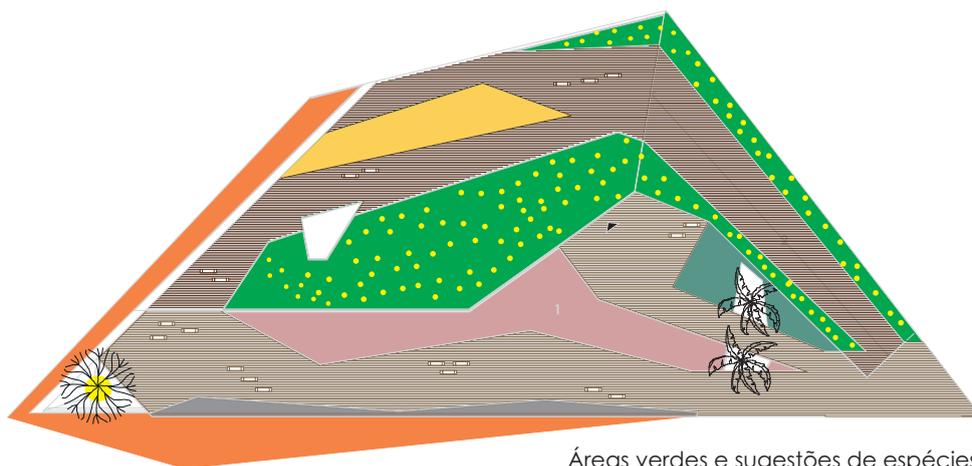
dês Piet Oudolf, da uruguaia Amália Robredo, e da brasileira Mariana Siqueira, autora de 'Jardins do Cerrado'.

Seria possível utilizar capins do cerrado, com cores, espessuras e formas diversas; que além da leveza, trariam movimento constante a este patamar do projeto.

Também é reservado um espaço para que a flora abrace o edifício em sua superfície térrea. Estes jardins poderiam receber espécies diferentes de Strelitzias ou 'aves do paraíso'. Estas plantas perenes (de ciclo de vida longo e folhas que não caem) são ornamentais e apresentam

flores de forma e coloridos irresistíveis às aves, insetos, e ao olhar humano.

Por fim, internamente, tem-se um singelo espaço verde no centro da sala de estar, que recebe claridade através de uma abertura na laje vedada com vidro laminado e tratamento refletivo. Poderia ser ocupado por uma massa vegetal pontiaguda de 'espadas de São Jorge'. Além de ser listada (Nasa/1989) entre as plantas com grande poder de filtrar o ar interno dos ambientes, tem fácil desenvolvimento e trás de sua origem africana a crença popular dos punhais de luta e proteção.



[f.4]

Áreas verdes e sugestões de espécies



[f.5]

- *Arachis repens* ● *Leudetiopsis chrysothrix*
- Gramma amendoim ● Brinco de princesa
- *Aristida riparia* ● *Aristida recurvata*
- Rabo de raposa ● *Andropogon bicornis*
- Rabo de burro ● *Tabebuia chrysothicha*
- Ipê amarelo ● *Strelitzia*
- Ave do paraíso ● *Sansevieria trifasciata*
- Espada de São Jorge

Planos verticais e a materialidade

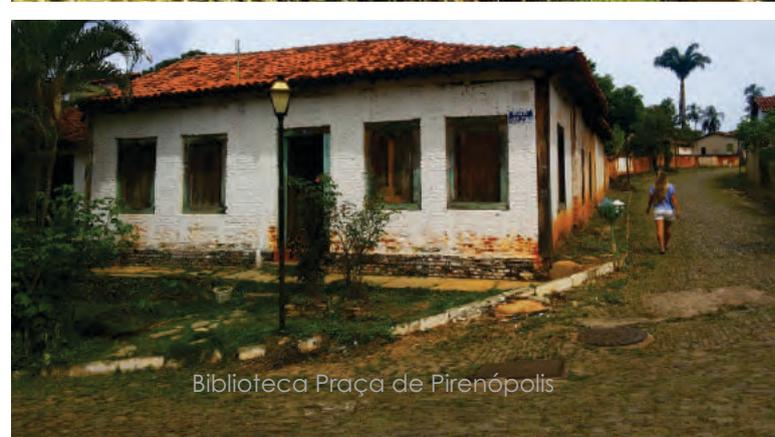
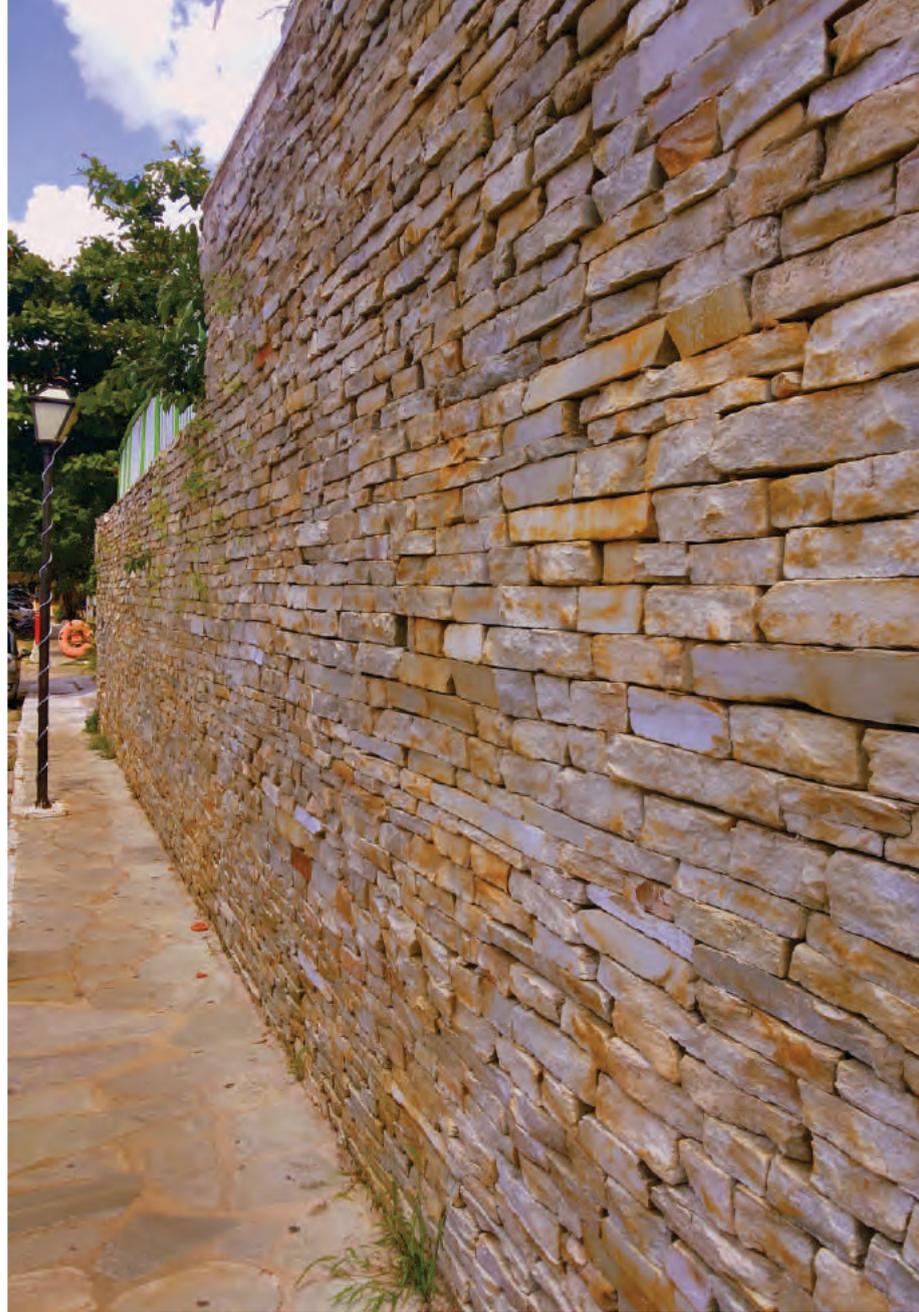
Os planos e o programa se encerram nas fachadas que fogem do paralelismo e contém materialidade composta predominantemente por elementos utilizados em larga escala local desde a construção primitiva da cidade.

Os destaques são as pedras que contrastam com a transparência e leveza do vidro; e a terra moldada em monolíticas paredes de solo cimento, e em tijolos queimados ao sol, selados e pintados, com perfurações internas para instalações.

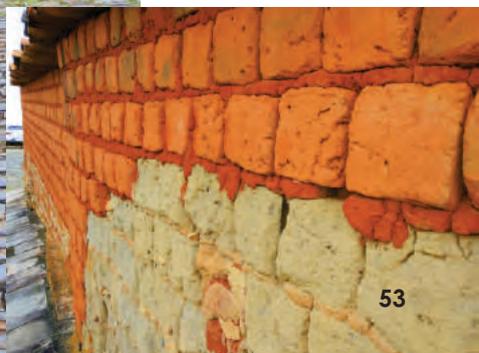


[f.1 e 2] Imagens digitais da materialidade do projeto. Perspectivas sudoeste e nordeste.

Na página ao lado, ensaio fotográfico sobre a materialidade encontrada nas ruas de Pirenópolis. Imagens 2016/2017: Raquel Moraes



Biblioteca Praça de Pirenópolis



Arquitetura de pedra

No edifício, o vidro é amplamente utilizado, desde as divisórias dos espaços internos, até as fachadas sul dos dois pavimentos. Transparente, permite a conexão visual do exterior com o interior e vice versa, integrando também o edifício com seu entorno. Ajuda ainda na iluminação natural interna, sem gerar problemas térmicos uma vez que estas fachadas não recebem insolação direta.

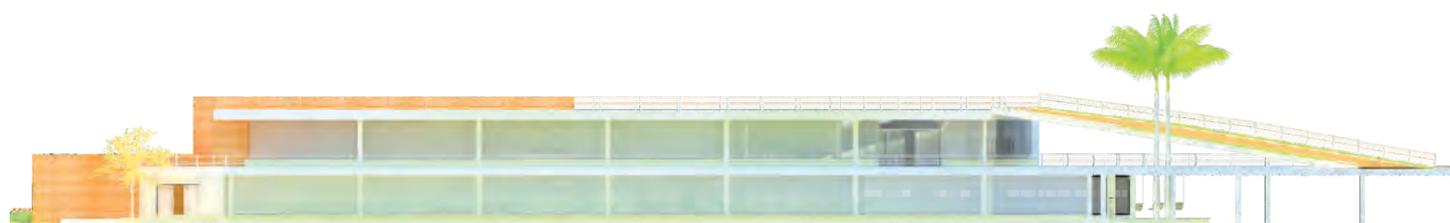
As singelas esquadrias inferiores de alumínio são fixadas sobre o granito apoiado em muros de pedaços de pedras maciças, limitado a 74 cm de altura, afim de não interferir na visibilidade dos usuários que estiverem sentados.

No nível da praça, a fachada leste recebe a mesma composição e é protegida da insolação pelas sombras da rampa

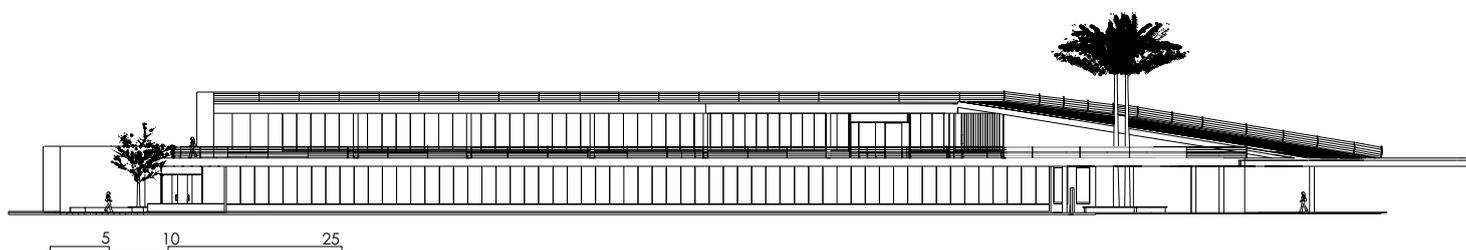
e dos painéis pivotantes da área de exposições, que também funcionam como brises.

Popularmente conhecido como 'lajão', as 'pedras de Pirenópolis', estão presentes em toda cidade, desde o pavimento do Centro Histórico; faixas de pedestres; calçadas; muros de divisa e de arrimo; até os revestimento. A extração deste material movimentada parte da economia local, mas também gera degradação, além de um passivo ambiental.

O projeto então sugere o aproveitamento de pedaços de pedras para construir bases naturais e estruturais das fachadas e mobiliários que delimitam jardins, aproveitando também a estética do ritmo que este material sobreposto proporciona.



fachada sul



fachada leste



Guarda corpo. Estrutura em alumínio, cor natural.
Cabo de aço galvanizado 8 mm.

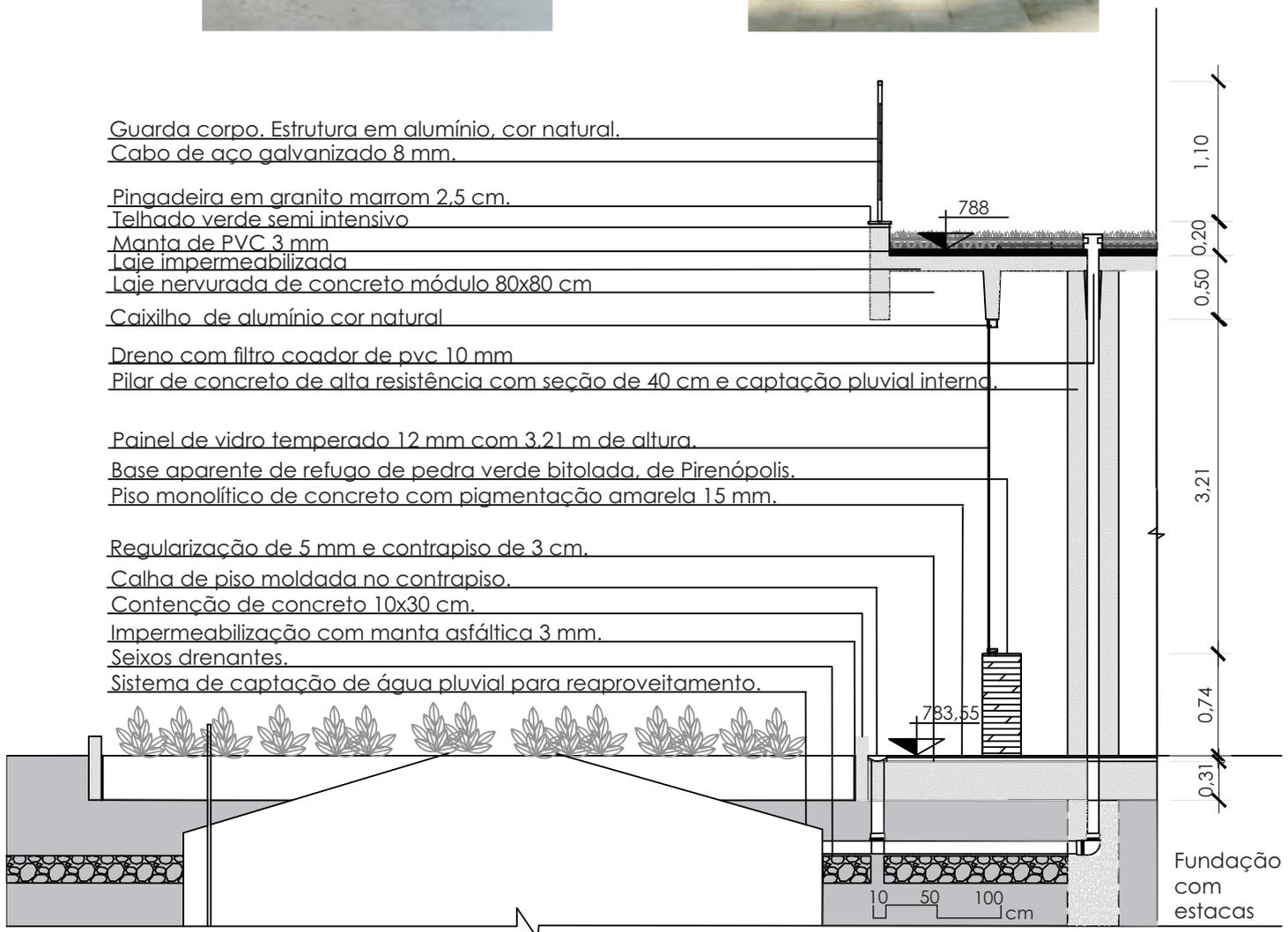
Pingadeira em granito marrom 2,5 cm.
Telhado verde semi intensivo
Manta de PVC 3 mm
Laje impermeabilizada
Laje nervurada de concreto módulo 80x80 cm

Caixilho de alumínio cor natural

Dreno com filtro coador de pvc 10 mm
Pilar de concreto de alta resistência com seção de 40 cm e captação pluvial interna.

Painel de vidro temperado 12 mm com 3,21 m de altura.
Base aparente de refugio de pedra verde bitolada, de Pirenópolis.
Piso monolítico de concreto com pigmentação amarela 15 mm.

Regularização de 5 mm e contrapiso de 3 cm.
Calha de piso moldada no contrapiso.
Contenção de concreto 10x30 cm.
Impermeabilização com manta asfáltica 3 mm.
Seixos drenantes.
Sistema de captação de água pluvial para reaproveitamento.



Arquitetura de terra

A terra é o outro elemento de destaque presente nas edificações desde as espessas paredes estruturais de taipa de pilão; o adobe nos muros e vedações, até as telhas chamadas colonias que tinham seu barro cozido moldado sobre as coxas dos escravos.

Os exemplares encontram-se em inusitados pontos da cidade, mas concentram-se principalmente no centro histórico e são destacados na maquete da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, que sofreu um incêndio na madrugada de 05 de setembro de 2002, somente três anos após uma meticulosa obra de restauração.

As restaurações do monumento, tanto a anterior como a posterior, trouxeram à tona a redescoberta dos modos de fazer. Os técnicos contaram com a participação da comunidade, desde a pesquisa das tradições dos ofícios, até o acompanhamento e execução.

O livro *Fênix: Restauo da Igreja Matriz de Pirenópolis (2008)* discorre sobre a

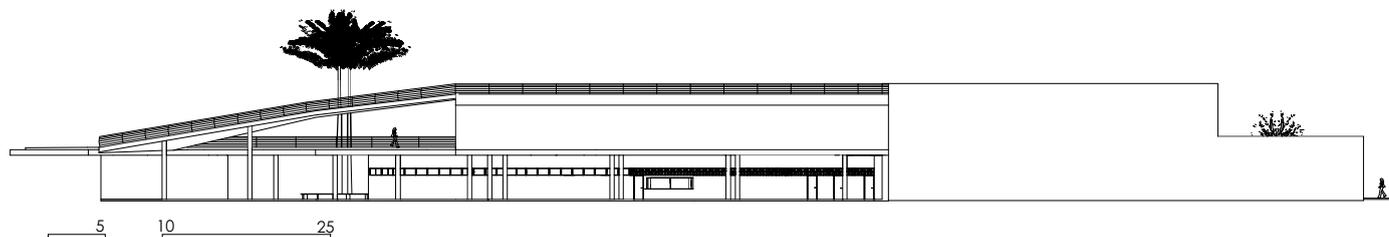
tradição oral da arquitetura de terra, cuja luz veio da África, foi disseminada pelos mouros e praticada pelos escravos africanos. Para a taipa: terra do local, areia e argila como matérias primas; estrume de curral, fibras vegetais e crina animal para conferir uma trama interna; cal e sangue de boi para aumentar a liga. A mistura úmida era colocada em camadas nas formas de madeira e depois socadas.¹

O projeto encerra suas intenções com o resgate da taipa e do adobe, porém numa técnica que interage a execução manual com a mecânica. Também que utiliza o material disponível com a movimentação de terra local, com materiais novos, para composição do solo cimento a ser utilizado nos tijolos vazados por circunferências propícias a passagem das instalações, e nas robustas empenas cegas das fachadas norte e oeste, moldadas *in loco*.

Estas, monolíticas e térmicas, encerram o edifício perante o parque e agregam ao conjunto um valor estético e histórico.



fachada norte



fachada oeste



1. “ Uma curiosidade acerca da execução da taipa de pilão pode ser expressa pelo dito popular: ‘ para fazer uma boa taipa, a terra tinha de ser carregada por um coxo e batida por um doido’, o que chama a atenção para a necessidade de respeitar a vagareza no transporte e assentar e o vigor no pilar do barro, de forma a conferir maior resistência às paredes. Por meio do barro cru, amassado com os pés e compactado em formas de madeira, a terra produziu também os grandes blocos que, postos a secar primeiro à sombra e depois ao sol, formaram as alvenarias de adobe.” (UNES e CAVALCANTE, 2008, p.88).



E assim, dentro da busca de uma relação útil e respeitosa com o lugar, a materialidade do edifício (com suas familiares cores e texturas) é empregada para reforçar a identidade local e o orgulho cidadão de pertencer a uma cidade que valoriza seu passado, dentro do processo de transformação rumo ao futuro.

A grande conquista seria que ao ler a descrição Biblioteca Praça de Pirenópolis, se pudesse sentir nas entrelinhas, que ela foi projetada para ser:

A CASA DO POVO.

Bibliografia

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. Revista São Paulo em Perspectiva. Fundação Seade, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmh/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BENKLER, Yochai. **A Riqueza das redes. Capítulo 1**. 2007. Disponível em: <https://cyber.harvard.edu/wealth_of_networks/A_Riqueza_das_Redes_-_Cap%C3%ADtulo_1>. Acesso em: 12 set. 2016.

CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2010.

EDWARDS, Brian e KHAN, Ayub. **Bibliotecas e centros de informação**. In LITTLEFIELD, David. Manual do Arquiteto. Planejamento, dimensionamento e Projeto. 3ª Ed. São Paulo: Bookman, 2011.

JOURDA, Françoise-Hélène. **Pequeno manual do projeto sustentável**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

WALL, Ted e WATERMAN, Tim. **Desenho urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

IFLA: **Manual da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994**. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

IPHAN. **Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/72>>. Acesso: 28 jan. 2017.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MUXI Zaida e MONTANER Josep Maria. **Serie La deriva del espacio público**, parte 1. abril 2010. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/10.031/3357>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

NEUFERT, Ernest, 1900. **Arte de projetar em arquitetura: princípios, normas e prescrições** sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades, dimensões de edifícios, locais e utensílios. Tradução da 21. ed. alemã, 5ª edição. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1976.

PIRENÓPOLIS, Goiás. **LEI Nº 143/ 82. DE 20 DE 12 DE 1982**. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br/arquivo/leis/LEI143.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

PROENÇA, Carolyn; OLIVEIRA, Rafael S.; e, SILVA, Ana Palmira. **Flores e frutos do cerrado = flower and fruits of the cerrado**. 2ª edição. Brasília: Editora Rede de Sementes de Cerrado, 2006.

ROVAL, Renato; MAZZONI, Felipe. **Só nos dão o osso - entrevista com Ariano Suassuna**. Revista Forum, 2005. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2014/07/26/so_nos_dao_o_osso_-_entrevista_com_ariano_suassuna/>. Acesso em: 27 jan. 2017.

UNES, Wolney; CAVALCANTE, Sílvio. **Fênix: Restauo da Igreja Matriz de Pirenópolis**. Goiânia: ICBC, 2008.